UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE:
CARDIOLOGIA E CIÊNCIAS CARDIOVASCULARES
e
HARVARD MEDICAL SCHOOL
CARDIOVASCULAR RESEARCH LABORATORY

TESE DE DOUTORADO

MÚSCULOS INSPIRATÓRIOS E CONTROLE REFLEXO DA CIRCULAÇÃO E DA VENTILAÇÃO

ALUNA: CARINE CRISTINA CALLEGARO

ORIENTADOR: PROF. DR. JORGE PINTO RIBEIRO

CO-ORIENTADOR: PROF. DR. J ANDREW TAYLOR

Porto Alegre, abril de 2010.

Dedico essa tese a minha família fonte de amor e inspiração.

AGRADECIMENTOS

Ao orientador Prof. Dr. Jorge Pinto Ribeiro, cardiologista e pesquisador que admiro e respeito profundamente. Obrigada pela orientação de excelência, dedicação, paciência, generosidade e disponibilidade para ensinar ciência. Sua presença constante durante todo o Mestrado e Doutorado (incluindo o Sanduíche no Exterior) foi essencial para minha formação acadêmica e profissional. Agradeço pela amizade, estímulo à minha formação acadêmica e palavras de incentivo que nunca faltaram.

Ao co-orientador Prof. Dr. J Andrew Taylor, fisiologista e pesquisador que admiro e respeito profundamente. Obrigada pela receptividade em seu Laboratório, pelo excelente treinamento em pesquisa, por promover desafios acadêmicos e pelo crescimento acadêmico e profissional que proporcionou. A formação adquirida durante o Doutorado Sanduíche acompanhará toda a minha vida acadêmica.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde: Cardiologia e Ciências Cardiovasculares por proporcionar aos seus alunos uma formação científica de excelência. Pela dedicação dos professores, pelas oportunidades de aprendizagem, pela estrutura e organização. A secretária da Pós-Graduação Sirlei Reis pela amizade, dedicação e competência no atendimento aos alunos.

Ao CNPq por apoiar o doutorado no Brasil e o Sanduíche no Exterior. Agradeço pela acessibilidade, atendimento, orientações e gerenciamento da bolsa de estudos.

À Andréia Biolo e Brasil Silva Neto pela receptividade e por guiar meus primeiros passos em Boston.

Ao prof. Dr. Ruy Silveira Moraes minha profunda gratidão pela orientação recebida durante o Mestrado. Obrigada por ensinar ciência e por incentivar minha formação acadêmica.

Ao prof. Dr. Denis Martinez por incentivar a pesquisa com quimiorreflexo e pelas grandes contribuições ao nosso artigo.

Ao ambulatório de Insuficiência Cardíaca do Hospital de Clínicas de Porto Alegre pela aprendizagem, pela convivência produtiva e pelo auxílio no recrutamento dos pacientes.

Aos serviços de Engenharia Mecânica e de Engenharia Clínica pela orientação e suporte necessários para a concretização do sistema utilizado para avaliar o

quimiorreflexo. Aos funcionários dos serviços citados pela competência e dedicação com que me ajudaram.

Ao GPPG pela seriedade e compromisso no gerenciamento dos projetos de pesquisa.

Aos membros do Laboratório de Fisiopatologia do Exercício pela amizade, momentos de diversão e interação acadêmica. Em especial, aos alunos de pós-graduação e de iniciação científica que participaram das coletas de dados ao longo do Doutorado.

Aos membros do Cardiovascular Research Laboratory pela amizade e disponibilidade, pela convivência produtiva, pelas trocas científicas, pelas oportunidades de colaborar e pelos momentos alegres que compartilhamos.

À minha família pela educação que recebi, por estar sempre ao meu lado, por tolerar a distância, pela compreensão, pela paciência e pelo amor que sentimos.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO..... 11

Referências..... 13

OBJETIVOS..... 16

REVISÃO DA LITERATURA..... 17

1. Introdução..... 17

2. Redistribuição da circulação durante o exercício..... 18

2.1 Metaborreflexo inspiratório..... 19

2.2 Treinamento muscular inspiratório e metaborreflexo inspiratório..... 22

2.3 Treinamento aeróbico e desempenho muscular inspiratório..... 23

3. Controle da ventilação durante o exercício..... 24

3.1 Quimiorreflexo central e periférico..... 24

3.2 Quimiorreflexo na insuficiência cardíaca..... 25

3.2.1 Quimiorreflexo e respostas ventilatórias ao exercício..... 27

3.2.2 Músculos inspiratórios e respostas ventilatórias ao exercício..... 29

4. Referências..... 30

ARTIGO I..... 39

Attenuated respiratory muscle metaboreflex in endurance-trained individuals..... 40

ARTIGO II..... 63

Augmented peripheral chemoreflex in patients with heart failure and inspiratory muscle weakness..... 64

CONCLUSÃO..... 69

ANEXOS – Formação complementar durante o doutorado..... 70

LISTA DE ABREVIATURAS

ICC	insuficiência cardíaca crônica
CO_2	gás carbônico
$\dot{V}_E/\dot{V}_{CO2}$ slope	relação da inclinação entre a ventilação e a produção de gás carbônico
DPOC	doença pulmonar obstrutiva crônica
PO_2	pressão parcial de oxigênio
PCO_2	pressão parcial de gás carbônico
pH	concentração hidrogênica
$\dot{V}O_2$	consumo de oxigênio
$\dot{V}O_{2máx}$	consumo máximo de oxigênio
$\dot{V}O_{2pico}$	consumo de oxigênio de pico
$\dot{V}O_{2peak}$	peak oxygen uptake
PImax	maximal inspiratory pressure
TI/TTot	razão entre o tempo inspiratório e duração total do ciclo respiratório
$SatO_2$	saturação de oxigênio
PET_{CO2}	pressão de CO_2 ao término da expiração
PI UAC	inspiratory pressure expressed as area under a curve
IMW	inspiratory muscle weakness
CHF	chronic heart failure
ACE	angiotensin-converting enzyme

RESUMO

Introdução: O treinamento da musculatura inspiratória pode atenuar o metaborreflexo inspiratório em indivíduos saudáveis e normalizar as respostas ventilatórias anormais ao exercício associadas com elevação do quimiorreflexo periférico em pacientes com insuficiência cardíaca crônica (ICC) e fraqueza muscular inspiratória.

Objetivos: Testar a hipótese que indivíduos treinados aerobicamente apresentam atenuação do metaborreflexo inspiratório. Testar a hipótese que pacientes com ICC e fraqueza muscular inspiratória apresentam aumento da resposta quimiorreflexa periférica comparado aos pacientes com força muscular inspiratória preservada.

Metodologia: O metaborreflexo inspiratório foi estudado em 9 indivíduos treinados (23 ± 0,7 anos) e 9 sedentários saudáveis (24 ± 0,7 anos) através da indução de trabalho muscular inspiratório fatigante (resistência inspiratória de 60% da pressão inspiratória máxima [PImáx]. O quimiorreflexo periférico foi estudado através do teste de uma inalação única de 13% CO_2 em 19 pacientes com ICC: 9 com fraqueza muscular inspiratória (PImáx < 70% do predito para o sexo e idade) e 10 com força muscular inspiratória preservada.

Resultados: O trabalho muscular inspiratório fatigante aumentou a pressão arterial média similarmente nos indivíduos treinados e nos sedentários. O fluxo sanguíneo poplíteo foi reduzido nos indivíduos sedentários, mas não foi alterado nos treinados. A resistência vascular periférica foi aumentada nos sedentários (de 559 ± 35 para 757 ± 56 unidades) mas não foi alterada nos

indivíduos treinados (de 528 ± 69 para 558 ± 64 unidades). Os pacientes com fraqueza muscular inspiratória apresentaram maior resposta quimiorreflexa periférica (0,11 ± 0,03 $l.min^{-1}.Torr^{-1}$) comparado aos pacientes com força muscular inspiratória preservada (0,07 ± 0,03 $l.min^{-1}.Torr^{-1}$, p = 0,02). A resposta quimiorreflexa periférica foi inversamente correlacionada com a PImáx (r = - 0,57; p = 0,01).

Conclusão: Indivíduos saudáveis treinados aerobicamente apresentam atenuação do metaborreflexo muscular inspiratório. A fraqueza muscular inspiratória está associada à exacerbação do quimiorreflexo periférico em pacientes com ICC.

INTRODUÇÃO

O condicionamento dos músculos respiratórios melhora a capacidade funcional e as respostas ventilatórias ao exercício progressivo em indivíduos que apresentam redução da força e da resistência muscular inspiratória associada à ICC (1). Atualmente, sabe-se que o aumento do trabalho muscular inspiratório limita o desempenho físico tanto nos pacientes com ICC quanto nos indivíduos saudáveis (2,3,4). Há evidências de que essa limitação no desempenho é mediada por um mecânismo denominado “metaboreflexo inspiratório”, no qual fibras nervosas quimiosensíveis são sensibilizadas pelo acúmulo de metabólitos durante o exercício muscular fatigante (5) promovendo aumento da atividade simpática (6) e vasoconstrição periférica (7,8). O metaborreflexo inspiratório pode ser atenuado pelo treinamento muscular inspiratório, tanto nos pacientes com insuficiência cardíaca (9) quanto nos indivíduos saudáveis (10,11). Apesar do exercício físico regular melhorar a resistência muscular inspiratória (12), ainda não é conhecido se o treinamento aeróbico modifica o metaborreflexo inspiratório.

Da mesma forma que o condicionamento da musculatura respiratória pode melhorar o desempenho físico, o descondicionamento dessa musculatura poderia estar associado com reduções no desempenho físico. Os pacientes com ICC frequentemente apresentam fraqueza muscular inspiratória (1,13,14) e respostas ventilatórias anormais ao exercício progressivo, como inclinação da relação entre a ventilação e a produção de CO_2 ($\dot{V}_E/\dot{V}_{CO2}$) aumentada e ventilação periódica (15). Essas respostas anormais ao exercício parecem

relacionadas a atividade quimiorreflexa aumentada (16,17). O treinamento muscular inspiratório melhora as respostas ventilatórias ao exercício progressivo, reduzindo a inclinação $\dot{V}_E/\dot{V}_{CO2}$ e a ventilação oscilatória (1). Esse efeito do treinamento muscular inspiratório sobre as respostas ventilatórias ao exercício sugere que a força muscular inspiratória possa estar relacionada com o quimiorreflexo.

Referências

1. Dall'Ago P, Chiappa GR, Guths H, Stein R, Ribeiro JP. Inspiratory muscle training in patients with heart failure and inspiratory muscle weakness: a randomized trial. *J Am Coll Cardiol.* 2006;47: 757-763.

2. Dempsey JA, McKenzie DC, Haverkamp HC, Eldridge MW. Update in the understanding of respiratory limitations to exercise performance in fit, active adults. *Chest.* 2008;134: 613-622.

3. Dempsey JA, Amann M, Romer LM, Miller JD. Respiratory system determinants of peripheral fatigue and endurance performance. *Med Sci Sports Exerc.* 2008;40: 457-461.

4. Borghi-Silva A, Carrascosa C, Oliveira CC, Barroco AC, Berton DC, Vilaça D, Lira-Filho EB, Ribeiro D, Nery LE, Neder JA. Effects of respiratory muscle unloading on leg muscle oxygenation and blood volume during high-intensity exercise in chronic heart failure. *Am J Physiol Heart Circ Physiol*. 2008;294: H2465-H2472.

5. Hill JM. Discharge of group IV phrenic afferent fibers increases during diaphragmatic fatigue. *Brain Res.* 2000;856: 240-244.

6. St Croix CM, Morgan BJ, Wetter TJ, Dempsey JA. Fatiguing inspiratory muscle work causes reflex sympathetic activation in humans. *J Physiol.* 2000;529: 493-504.

7. Sheel AW, Derchak PA, Morgan BJ, Pegelow DF, Jacques AJ, Dempsey JA. Fatiguing inspiratory muscle work causes reflex reduction in resting leg blood flow in humans. *J Physiol.* 2001;537: 277-289.

8. Sheel AW, Derchak PA, Pegelow DF, Dempsey JA. Threshold effects of respiratory muscle work on limb vascular resistance. *Am J Physiol Heart Circ Physiol.* 2002;282: H1732-H1738.

9. Chiappa GR, Roseguini BT, Vieira PJ, Alves CN, Tavares A, Winkelmann ER, Ferlin EL, Stein R, Ribeiro JP. Inspiratory muscle

training improves blood flow to resting and exercising limbs in patients with chronic heart failure. *J Am Coll Cardiol.* 2008;51: 1663-1671.

10. Witt JD, Guenette JA, Rupert JL, McKenzie DC, Sheel AW. Inspiratory muscle training attenuates the human respiratory muscle metaboreflex. *J Physiol.* 2007;584: 1019-1028.

11. McConnell AK, Lomax M. The influence of inspiratory muscle work history and specific inspiratory muscle training upon human limb muscle fatigue. *J Physiol.* 2006;577: 445-457.

12. Robinson EP, Kjeldgaard JM. Improvement in ventilatory muscle function with running. *J Appl Physiol.* 1982;52: 1400-1406.

13. Ribeiro JP, Chiappa GR, Neder JA, Frankenstein L. Respiratory muscle function and exercise intolerance in heart failure. *Curr Heart Fail Rep*. 2009;6: 95-101.

14. Meyer FJ, Borst MM, Zugck C, Kirschke A, Schellberg D, Kübler W, Haass M. Respiratory muscle dysfunction in congestive heart failure: clinical correlation and prognostic significance. *Circulation*. 2001;103: 2153-2158.

15. Ribeiro JP, Stein R, Chiappa GR. Beyond peak oxygen uptake: new prognostic markers from gas exchange exercise tests in chronic heart failure. *J Cardiopulm Rehabil*. 2006;26: 63-71.

16. Piepoli MF, Ponikowski PP, Volterrani M, Francis D, Coats AJ. Aetiology and pathophysiological implications of oscillatory ventilation at rest and during exercise in chronic heart failure. Do Cheyne and Stokes have an important message for modern-day patients with heart failure? *Eur Heart J.* 1999;20: 946-953.

17. Chua TP, Harrington D, Ponikowski P, Webb-Peploe K, Poole-Wilson PA, Coats AJ. Effects of dihydrocodeine on chemosensitivity and exercise tolerance in patients with chronic heart failure. *J Am Coll Cardiol*. 1997;29: 147-152.

OBJETIVOS

1. Testar a hipótese de que o metaborreflexo inspiratório esteja atenuado em invidíduos aerobicamente treinados.
2. Testar a hipótese de que a fraqueza muscular inspiratória esteja associada com quimiorreflexo periférico aumentado em pacientes com ICC.

REVISÃO DA LITERATURA

1. Introdução

Os mecanismos envolvidos nas respostas hemodinâmicas e ventilatórias ao exerçício são estudados intensamente há vários anos (1). No entanto, apenas na última década foi evidênciado que a musculatura respiratória contribui importantemente com a redistribuição do fluxo sanguíneo (1) e com as respostas ventilatórias ao exercício progressivo (2). Os músculos respiratórios são amplamente inervados por fibras nervosas quimiosensíveis, denominadas metaborreceptores, as quais respondem ao acúmulo de metabólitos produzidos durante exercício intenso associado com fadiga muscular inspiratória (3). A ativação dos metaborreceptores da musculatura inspiratória aumenta os níveis de noradrenalina (4), eleva a atividade nervosa simpática muscular (5) e induz vasoconstrição periférica (6,7,8) reduzindo o fluxo sanguíneo para a musculatura esquelética inativa (6,7), bem como para a musculatura esquelética ativa (4). Consequentemente, a restrição do fluxo sanguíneo para a musculatura esquelética ativa pode prejudicar o desempenho físico durante o exercício (9). Dessa forma, o metaborreflexo inspiratório pode apresentar efeitos relevantes para indivíduos envolvidos em competições esportivas (10) e para aqueles que apresentam redução do desempenho muscular inspiratório relacionado com a ICC (8,11) e com a doença pulmonar obstrutiva crônica (DPOC) (12).

As respostas ventilatórias ao exercício são moduladas pelo quimiorreflexo, mas também podem ser influenciadas pelos metaborreceptores

(13). Os quimiorreceptores, sensibilizados pelas variações na pressão parcial de oxigênio (PO_2), pressão parcial de gás carbônico (PCO_2) e pela concentração hidrogênica (pH) do sangue arterial (14), aumentam o trabalho muscular inspiratório para suprir a demanda ventilatória. No entanto, pouco é conhecido sobre a relação entre os músculos respiratórios e o controle quimiorreflexo. Sabe-se que a fraqueza muscular inspiratória está relacionada com respostas ventilatórias anormais ao exercício progressivo, como a ventilação oscilatória e o aumento da inclinação $\dot{V}_E/\dot{V}_{CO2}$ em pacientes com ICC (2). Essas respostas anormais ao exercício parecem derivar da exarcebação do quimiorreflexo e/ou do metaborreflexo (13).

A presente revisão tem como objetivos: (1) descrever o metaborreflexo inspiratório, seu papel na limitação do desempenho físico e os efeitos de intervenções que poderiam atenuar o metaborreflexo inspiratório; (2) descrever o quimiorreflexo, seus efeitos sobre capacidade funcional e controle da ventilação durante o exercício e explorar a relação entre musculatura inspiratória e quimiorreflexo na ICC. Finalmente, identificaremos as lacunas do conhecimento sobre os temas aqui referenciados.

2. **Redistribuição da circulação durante o exercício**

Durante o exercício, o débito cardíaco aumenta linearmente com o aumento do consumo de O_2 ($\dot{V}O_2$). Ao mesmo tempo, o fluxo sanguíneo é redistribuído das áreas inativas para os músculos esqueléticos ativos e miocárdio. A contração muscular esquelética ativa receptores sensíveis a

deformação mecânica da unidade musculotendinosa (mecanorreceptores) e receptores sensíveis ao acúmulo de metabólitos (metaborreceptores). A ativação desses receptores, constituídos por fibras mielínicas (grupo III) ou amielínicas (grupo IV), resulta no aumento dos disparos simpáticos para o leito vascular sistêmico promovendo vasoconstrição dos músculos esqueléticos inativos e das regiões esplâncnica, renal e mesentérica. Já nos músculos ativos ocorre vasodilatação mediada pelo acúmulo de metabólitos. Dessa forma, o débito cardíaco é redistribuído dos músculos inativos para aqueles com demanda metabólica aumentada, um efeito resultante do metaborreflexo (1).

A ativação do metaborreflexo pela contração dos músculos esqueléticos é amplamente conhecida. Entretanto, apenas na última década foi descoberto que o metaborreflexo também pode ser ativado pelo trabalho dos músculos respiratórios (5,6,7,15) o que acarreta importantes repercussões para o desempenho físico.

2.1 Metaborreflexo inspiratório

O grupo de pesquisa do Prof. Jerome Dempsey descreveu o "metaborreflexo inspiratório" a partir de uma série de estudos (4,5,6,7,16,17). Inicialmente, foi demonstrado que o exercício físico (intensidade > 85% do consumo máximo de oxigênio [$\dot{V}O_{2máx}$]) induz fadiga muscular diafragmática (18) até mesmo em atletas de elite (19). Em seguida, foi descoberto que o aumento do trabalho muscular inspiratório (via resistência inspiratória) eleva os

níveis de noradrenalina, reduzindo o fluxo sanguíneo da perna durante exerçício máximo em bicicleta (4). Esses achados originaram a hipótese da existência de um “metaborreflexo inspiratório” ativado durante o exercício. Uma teoria confirmada no estudo subsequente, que comprovou a redistribuição do fluxo sanguíneo dos músculos periféricos ativos para o diafragma, correspondendo a mais de 14 - 16% do débito cardíaco (4). Além disso, a indução de fadiga muscular inspiratória através do esforço inspiratório intenso (resistência inspiratória = 60% da PImáx) e sustentado (razão entre o tempo inspiratório e duração total do ciclo respiratório [TI/TTot] = 0,70) aumentou a atividade nervosa simpática muscular (5) e reduziu o fluxo sanguíneo da perna inativa (6,7). Esses efeitos evidenciam a existência do metaborreflexo inspiratório (Figura 1).

O metaborreflexo inspiratório pode limitar o desempenho físico (10,20) quando o exercício ultrapassa 85% do $\dot{V}O_{2máx}$ devido à fadiga muscular inspiratória (18), que resulta na ativação do metaboreflexo (5,6), reduzindo o fluxo sanguíneo para os músculos esqueléticos ativos (4) e exarcebando a fadiga dos músculos periféricos (21). Por outro lado, a redução do trabalho muscular inspiratório (via assistência ventilatória) aumenta o tempo de exercício em 14 % (17) e atenua a fadiga do quadríceps ao exercício em ciclistas (21), provavelmente por inibir o metaborreflexo inspiratório.

Os efeitos do metaborreflexo inspiratório sobre o desempenho físico podem ser relevantes para indivíduos portadores de ICC e de DPOC. O estudo de Borghi-Silva et al. (12) mostra que a ventilação não-invasiva melhora a saturação periférica de O_2 e reduz a fadigabilidade do músculo quadríceps du-

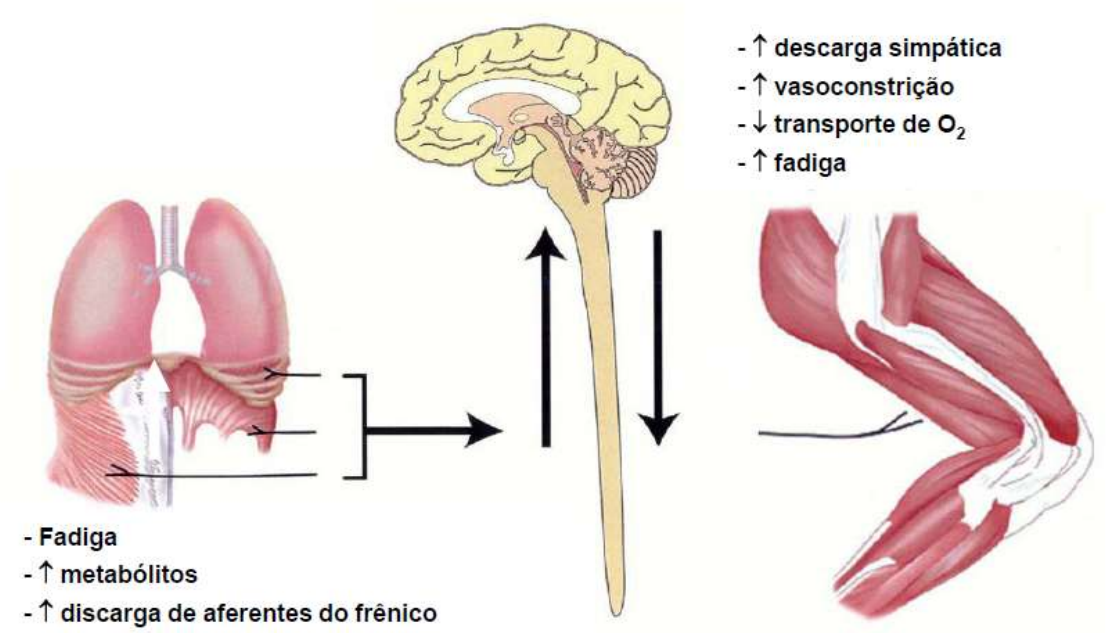

Figura 1. Ilustração esquemática do metaborreflexo inspiratório. O metaborreflexo inspiratório é ativado durante trabalho muscular inspiratório fatigante pelo acúmulo de metabólitos que aumenta a atividade de aferentes do frênico, resultando no aumento da atividade simpática e vasoconstrição periférica, exarcebando a fadiga dos músculos esqueléticos ativos. Adaptado de Dempsey et al. *Respir Physiol & Neurobiol*. 2006;151: 242-50.

rante exercício isocinético nos pacientes com DPOC. Esses dados sugerem que a ventilação não-invasiva poderia atenuar a ativação do metaborreflexo inspiratório. Nos pacientes com ICC, a redução do trabalho muscular inspiratório aumenta a tolerância ao exercício (11,22), melhora a oxigenação muscular periférica e reduz a concentração de lactato durante o exercício (11), provavelmente por redistribuir o fluxo sanguíneo dos músculos respiratórios para os locomotores (11). Portanto, é possível que intervenções que inibem o metaborreflexo inspiratório contribuam para o desempenho físico.

2.2 Treinamento muscular inspiratório e metaborreflexo inspiratório

O treinamento muscular inspiratório aumenta a força (2,23,24,25) e a resistência da musculatura inspiratória (2,23,24,25), além de reduzir a concentração de lactato durante o teste de resistência muscular inspiratória (26) e durante o exercício incremental (27,28). Dessa forma, é possível que o treinamento muscular inspiratório reduza o acúmulo de metabólitos durante o trabalho muscular inspiratório o que poderia atenuar a atividade do metaborreflexo (29).

De fato, o treinamento muscular inspiratório realizado a 50% da PImáx atenua a resposta pressora (30) e reduz a fadiga dos músculos flexores plantar durante ativação do metaborreflexo inspiratório em indivíduos saudáveis (31). Uma avaliação mais objetiva do metaborreflexo inspiratório mostrou que o treinamento muscular inspiratório ameniza a redução do fluxo sanguíneo na perna durante a indução do metaborreflexo em pacientes com ICC e portadores de fraqueza muscular inspiratória (8).

Outras evidências da associação entre condicionamento muscular e redução do metaborreflexo muscular foram relatadas em estudos envolvendo a musculatura esquelética. O treinamento de preensão manual reduz a produção de metabólitos e atenua a resposta pressora durante exercício isquêmico do antebraço (32). Reduções na atividade nervosa simpática muscular durante isquemia após exercício também foram observadas depois do treinamento de resistência do antebraço (33). Já em modelo animal de insuficiência cardíaca, o treinamento aeróbico melhora as respostas cardiovasculares à ativação do metaborreflexo, ou seja, o treinamento aumenta as respostas da pressão

arterial média e atividade nervosa simpática renal, que estão reduzidas nos ratos com insuficiência cardíaca comparado aos ratos saudáveis (34).

2.3 Treinamento aeróbico e desempenho muscular inspiratório

O treinamento aeróbico melhora o desempenho muscular respiratório (35,36), visto que atletas apresentam um aumento da resistência muscular inspiratória comparado aos indivíduos sedentários (36). Além disso, o treinamento de corrida aumenta a ventilação voluntária máxima em indivíduos previamente sedentários (37) e o treinamento de natação melhora a resistência muscular inspiratória representada pelo aumento da aréa total da PImáx e do tempo de fadiga (38). O exercício aeróbico regular também previne reduções na força muscular inspiratória relacionadas ao envelhecimento (39) e aumenta a força muscular inspiratória em pacientes com ICC e fraqueza muscular inspiratória (40).

Estudos em modelo animal demonstram que o treinamento aeróbico pode melhorar a capacidade oxidativa (41,42,43,44,45,46,47), aumentar a densidade capilar das fibras musculares do tipo I, tipo IIa e tipo IIb (42) e melhorar a capacidade anti-oxidante dos músculos inspiratórios (43,46,47), além de reduzir a fadiga do diafragma *in vitro* (46). Dessa forma, é possível que o exercício aeróbico crônico reduza o acumúlo de metabólitos durante o trabalho inspiratório fatigante com repercussões na ativação dos metaborreceptores.

3. Controle da ventilação durante o exercício

Durante o exercício, a ventilação pulmonar precisa ser aumentada para manter adequada a oxigenação e a remoção de CO_2 dos tecidos. O controle da ventilação durante o exercício é mediado principalmente pelos quimiorreceptores e metaborreceptores (13). Nos pacientes com ICC, a sensibilidade quimiorreflexa encontra-se anormalmente aumentada (48), prediz mortalidade (49) e participa da fisiopatogênese da hiperativação simpática (50) e dos padrões ventilatórios anormais em repouso (51), e possivelmente das respostas ventilatórias anormais ao exercício (52).

3.1 Quimiorreflexo central e periférico

Os quimiorreceptores centrais estão localizados na face ventral do bulbo e respondem a variações nas concentrações de CO_2 (Figura 2). Os quimiorreceptores periféricos localizam-se na artéria carótida comum e na artéria aorta e são sensíveis as variações na PO_2, PCO_2 e no pH do sangue arterial (14) (Figura 2). O quimiorreflexo central pode ser avaliado pela inalação de uma mistura hipercapnica (7% CO_2 e 93% O_2) durante 4 minutos (53). O quimiorreflexo periférico pode ser avaliado por diversos testes: pela hipóxia transitória plotando-se a ventilação máxima contra a menor saturação arterial de oxigênio ($SatO_2$) após a inalação de nitrogênio puro (54); pela inalação de 10% CO_2 em uma inspiração única, calculando-se a razão entre o aumento da ventilação e a alteração da pressão de CO_2 ao término da expiração (PET_{CO2}) (54,55,56); e pela inalação de uma mistura hipóxica (10% O_2 e 90% N_2)

durante 3 minutos (57,58). A ativação dos quimiorreceptores aumenta a atividade nervosa simpática, frequência cardíaca, pressão arterial e a ventilação minuto (59). Essas respostas podem estar profundamente alteradas na ICC.

3.2 Quimiorreflexo na insuficiência cardíaca

O aumento do quimiorreflexo periférico (48,53,60,61,62,63) e central (48,63,64) participam da fisiopatologia da ICC, contribuindo para a ativação simpática e padrões ventilatórios anormais (Figura 2). A inibição do quimiorreflexo periférico via hiperóxia reduz a atividade nervosa simpática muscular, sugerindo que anormalidades no controle quimiorreflexo levam à hiperatividade simpática (50). O aumento da atividade simpática induz vasoconstrição periférica que eleva a pós-carga ventricular direita e esquerda, piorando a função cardiorrespiratória. Além disso, o aumento da atividade quimiorreflexa pode estar relacionado com a gravidade da ICC. A atividade quimiorreflexa central está aumentada nos pacientes com classe funcional III NYHA comparada aos com classe funcional II NYHA (53) e pacientes com quimiorreflexo alterado (>0,72 $L.min^{-1}.\%SatO_2^{-1}$) podem apresentar reduzida capacidade funcional comparada com pacientes com quimiorreflexo normal (49,62).

O aumento do quimiorreflexo periférico também participa da gênese da ventilação oscilatória em repouso e está relacionado com apnéia central do sono. Pacientes com ICC e ventilação do tipo Cheyne-Stokes ou ventilação pe-

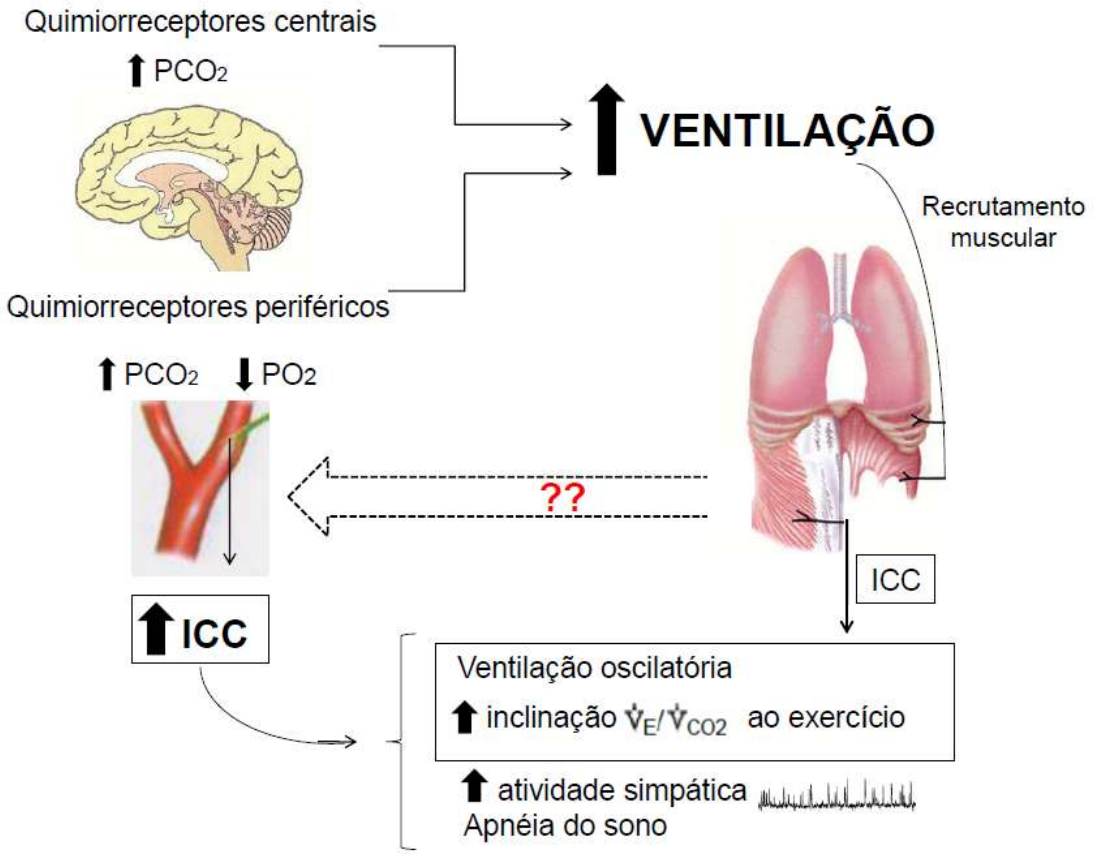

Figura 2. Ilustração esquemática do quimiorreflexo na ICC. Os quimiorreceptores centrais (localizados na face ventral do bulbo) sensibilizados pelo aumento da pressão parcial de CO_2 e os quimiorreceptores periféricos (localizados na artéria carótida comum e na artéria aorta) sensibilizados pelo aumento da pressão parcial de CO_2 (respostas rápidas) e pela redução da pressão parcial de O_2 (respostas lentas) aumentam a ventilação através do recrutamento dos músculos respiratórios. O quimiorreflexo central e o periférico estão aumentados na ICC. O quimiorreflexo periférico participa da fisiopatologia do aumento da atividade simpática, de padrões ventilatórios anormais como apnéia do sono, ventilação oscilatória em repouso e aumento da inclinação $\dot{V}_E/\dot{V}_{CO2}$ ao exercício. Como o treinamento da musculatura inspiratória reduz a ventilação oscilatória e a inclinação $\dot{V}_E/\dot{V}_{CO2}$ ao exercício na ICC, quimiorreflexo periférico e musculatura inspiratória poderiam estar associados na ICC (linhas tracejadas).

riódica apresentam maior sensibilidade quimiorreflexa do que pacientes com ventilação normal (51), mas a ventilação oscilatória em repouso pode ser normalizada pela inibição do quimiorreflexo periférico (51). O quimiorreflexo periférico pode ainda estar relacionado com apnéia do sono. O estudo de Solin et al., (65) mostrou uma associação entre o quimiorreflexo periférico (determinado pela técnica de uma inalação única de CO_2) e o índice de apnéia-hipoapnéia central nos pacientes com ICC. Portanto, o quimiorreflexo parece estar relacionado com alterações respiratórias em repouso e durante o sono. É possível que as alterações do quimiorreflexo também afetem as respostas ventilatórias ao exercício na ICC.

3.2.1 Quimiorreflexo nas respostas ventilatórias ao exercício

Pacientes com ICC podem apresentar respostas ventilatórias anormais ao exercício progressivo como o aumento da inclinação $\dot{V}_E/\dot{V}_{CO2}$ e a presença de ventilação oscilatória, ambos com repercussões prognósticas (66,67,68). Vários mecânismos foram propostos para explicar o aumento da inclinação $\dot{V}_E/\dot{V}_{CO2}$ incluindo o aumento do espaço morto, a acidose láctica precoce e a atividade anormal do quimiorreflexo e do metaborreflexo muscular esquelético (69). Na ICC o padrão pulmonar restritivo diminui o aumento do volume corrente, aumentando a frequência respiratória e a relação espaço morto/volume corrente. O descondicionamento físico, aumento do número de fibras musculares do tipo IIb e o limitado aumento do débito cardíaco podem favorecer a acidose láctica precoce ao exercício induzindo hiperventilação nos pacientes com ICC (69). As evidências mais fortes sugerem que as respostas

ventilatórias anormais ao exercício estão relacionadas com os mecanismos que controlam a ventilação como o quimiorreflexo (70) e o metaborreflexo muscular esquelético (70).

O quimiorreflexo periférico parece participar da fisiopatologia da hiperventilação ao exercício uma vez que a inibição do quimiorreflexo periférico (via di-hidrocodeína) reduz a inclinação $\dot{V}_E/\dot{V}_{CO2}$ durante o exercício progressivo (52). Além disso, os pacientes com elevação da inclinação $\dot{V}_E/\dot{V}_{CO2}$ (> 34) apresentam aumento da sensibilidade quimiorreflexa periférica e central (70). É possível que o metaborreflexo induza hiperventilação durante o exercício ou que ative o quimiorreflexo central (13). De fato, o metaborreflexo é um forte preditor da atividade quimiorreflexa central nos pacientes com ICC (48). Estudo recente demonstra que o quimiorreflexo central potencializa a resposta ventilatória induzida pelo metaborreflexo do antebraço em indivíduos saudáveis (71). É importante notar que ambos quimiorreflexo central (70) e resposta ventilatória induzida pelo metaborreflexo muscular esquelético se correlacionam significativamente com a inclinação $\dot{V}_E/\dot{V}_{CO2}$ durante o exercício progressivo na ICC (70). Além disso, pacientes com inclinação $\dot{V}_E/\dot{V}_{CO2}$ anormalmente elevada apresentam aumento da resposta ventilatória induzida pelo metaborreflexo muscular esquelético e redução da sensibilidade barorreflexa (70).

A ventilação oscilatória ao exercício pode estar relacionada com hiperatividade dos quimiorreceptores e metaborreceptores e com prolongamento do tempo circulatório (13). O aumento do tempo circulatório poderia retardar a detecção de alterações na pressão parcial dos gases

sanguíneos arteriais pelos quimiorreceptores levando a instabilidade respiratória (13). Estudo em humanos sugere que o quimiorreflexo periférico encontra-se envolvido na gênese das oscilações ventilatórias em repouso (51). É possível que as oscilações da ventilação ao exercício progressivo apresentem um mecanismo semelhante, no entanto essa teoria ainda necessita de confirmação. Alternativamente o metaborreflexo poderia contribuir com a ventilação oscilatória ao exercício, visto que pacientes com ICC e ventilação periódica apresentam um aumento da atividade metaborreflexa (48).

3.2.2 Músculos inspiratórios e respostas ventilatórias ao exercício

Os pacientes com ICC podem apresentar redução da força muscular inspiratória (72,73,74) estabelecida pela PImáx. Alguns estudos sugerem que a PImáx está associada com $\dot{V}O_{2pico}$ (73,75,76). No entanto, estudos mais recentes mostram fraca associação entre PImáx e $\dot{V}O_{2pico}$ (73). Além disso, os pacientes com fraqueza muscular inspiratória envolvidos nos estudos do nosso grupo de pesquisa apresentam capacidade funcional relativamente preservada (2,8,40,77). O treinamento muscular inspiratório que resulta em aumento da força muscular inspiratória reduz a inclinação $\dot{V}_E/\dot{V}_{CO2}$ e as oscilações ventilatórias ao exercício nos pacientes com ICC (2). Essas respostas ventilatórias ao exercício podem estar relacionadas com atenuação do quimiorreflexo (13). No entanto, ainda não há dados sobre os efeitos da força muscular inspiratória sobre o quimiorreflexo na ICC.

Referências

1. Dempsey JA, Sheel AW, St Croix CM, Morgan BJ. Respiratory influences on sympathetic vasomotor outflow in humans. *Respir Physiol Neurobiol. 2002;*130: 3-20.

2. Dall'Ago P, Chiappa GR, Guths H, Stein R, Ribeiro JP. Inspiratory muscle training in patients with heart failure and inspiratory muscle weakness: a randomized trial. *J Am Coll Cardiol.* 2006;47: 757-763.

3. Hill JM. Discharge of group IV phrenic afferent fibers increases during diaphragmatic fatigue. *Brain Res.* 2000;856: 240-244.

4. Harms CA, Babcock MA, McClaran SR, Pegelow DF, Nickele GA, Nelson WB, Dempsey JA. Respiratory muscle work compromises leg blood flow during maximal exercise. *J Appl Physiol.* 1997;82: 1573-1583.

5. St Croix CM, Morgan BJ, Wetter TJ, Dempsey JA. Fatiguing inspiratory muscle work causes reflex sympathetic activation in humans. *J Physiol.* 2000;529: 493-504.

6. Sheel AW, Derchak PA, Morgan BJ, Pegelow DF, Jacques AJ, Dempsey JA. Fatiguing inspiratory muscle work causes reflex reduction in resting leg blood flow in humans. *J Physiol.* 2001;537: 277-289.

7. Sheel AW, Derchak PA, Pegelow DF, Dempsey JA. Threshold effects of respiratory muscle work on limb vascular resistance. *Am J Physiol Heart Circ Physiol.* 2002; 282: H1732-H1738.

8. Chiappa GR, Roseguini BT, Vieira PJ, Alves CN, Tavares A, Winkelmann ER, Ferlin EL, Stein R, Ribeiro JP. Inspiratory muscle training improves blood flow to resting and exercising limbs in patients with chronic heart failure. *J Am Coll Cardiol.* 2008;51: 1663-1671.

9. Romer LM, Polkey MI. Exercise-induced respiratory muscle fatigue: implications for performance. *J Appl Physiol*. 2008; 104:879-888.

10. Dempsey JA, McKenzie DC, Haverkamp HC, Eldridge MW. Update in the understanding of respiratory limitations to exercise performance in fit, active adults. *Chest.* 2008;134: 613-622.

11. Borghi-Silva A, Carrascosa C, Oliveira CC, Barroco AC, Berton DC, Vilaça D, Lira-Filho EB, Ribeiro D, Nery LE, Neder JA. Effects of respiratory muscle unloading on leg muscle oxygenation and blood volume during high-intensity exercise in chronic heart failure. *Am J Physiol Heart Circ Physiol*. 2008;294: H2465-H2472.

12. Borghi-Silva A, Di Thommazo L, Pantoni CB, Mendes RG, Salvini Tde F, Costa D. Non-invasive ventilation improves peripheral oxygen saturation and reduces fatigability of quadriceps in patients with COPD. *Respirology*. 2009;14: 537-544.

13. Piepoli MF, Ponikowski PP, Volterrani M, Francis D, Coats AJ. Aetiology and pathophysiological implications of oscillatory ventilation at rest and during exercise in chronic heart failure. Do Cheyne and Stokes have an important message for modern-day patients with heart failure? *Eur Heart J.* 1999;20: 946-953.

14. Schmidt H, Francis DP, Rauchhaus M, Werdan K, Piepoli MF. Chemo- and ergoreflexes in health, disease and ageing. *Int J Cardiol*. 2005;98: 369-378.

15. Derchak PA, Sheel AW, Morgan BJ, Dempsey JA. Effects of expiratory muscle work on muscle sympathetic nerve activity. *J Appl Physiol*. 2002;92: 1539-1552.

16. Harms CA, Wetter TJ, McClaran SR, Pegelow DF, Nickele GA, Nelson WB, Hanson P, Dempsey JA. Effects of respiratory muscle work on cardiac output and its distribution during maximal exercise. *J Appl Physiol.* 1998;85: 609-618.

17. Harms CA, Wetter TJ, St Croix CM, Pegelow DF, Dempsey JA. Effects of respiratory muscle work on exercise performance. *J Appl Physiol.* 2000;89: 131-138.

18. Johnson BD, Babcock MA, Suman OE, Dempsey JA. Exercise-induced diaphragmatic fatigue in healthy humans. *J Physiol.* 1993;460: 385-405.

19. Babcock MA, Pegelow DF, Johnson BD, Dempsey JA. Aerobic fitness effects on exercise-induced low-frequency diaphragm fatigue. *J Appl Physiol.* 1996;81: 2156-2164.

20. Dempsey JA, Amann M, Romer LM, Miller JD. Respiratory system determinants of peripheral fatigue and endurance performance. *Med Sci Sports Exerc.* 2008;40: 457-461.

21. Romer LM, Lovering AT, Haverkamp HC, Pegelow DF, Dempsey JA. Effect of inspiratory muscle work on peripheral fatigue of locomotor muscles in healthy humans. *J Physiol.* 2006;571: 425-439.

22. O'Donnell DE, D'Arsigny C, Raj S, Abdollah H, Webb KA. Ventilatory assistance improves exercise endurance in stable congestive heart failure. *Am J Respir Crit Care Med*. 1999;160: 1804-1811.

23. Williams JS, Wongsathikun J, Boon SM, Acevedo EO. Inspiratory muscle training fails to improve endurance capacity in athletes. *Med Sci Sports Exerc*. 2002;34: 1194-1198.

24. Gething AD, Williams M, Davies B. Inspiratory resistive loading improves cycling capacity: a placebo controlled trial. *Br J Sports Med*. 2004;38: 730-736.

25. Enright SJ, Unnithan VB, Heward C, Withnall L, Davies DH. Effect of high-intensity inspiratory muscle training on lung volumes, diaphragm thickness, and exercise capacity in subjects who are healthy. *Phys Ther*. 2006;86: 345-354.

26. Verges S, Renggli AS, Notter DA, Spengler CM. Effects of different respiratory muscle training regimes on fatigue-related variables during volitional hyperpnoea. *Respir Physiol Neurobiol*. 2009;169: 282-290

27. Spengler CM, Roos M, Laube SM, Boutellier U. Decreased exercise blood lactate concentrations after respiratory endurance training in humans. *Eur J Appl Physiol Occup Physiol*. 1999;79: 299-305.

28. Romer LM, McConnell AK, Jones DA. Effects of inspiratory muscle training upon recovery time during high intensity, repetitive sprint activity. *Int J Sports Med*. 2002;23: 353-360.

29. Sinoway LI, Hill JM, Pickar JG, Kaufman MP. Effects of contraction and lactic acid on the discharge of group III muscle afferents in cats. *J Neurophysiol*. 1993;69: 1053-1059.

30. Witt JD, Guenette JA, Rupert JL, McKenzie DC, Sheel AW. Inspiratory muscle training attenuates the human respiratory muscle metaboreflex. *J Physiol.* 2007;584: 1019-1028.

31. McConnell AK, Lomax M. The influence of inspiratory muscle work history and specific inspiratory muscle training upon human limb muscle fatigue. *J Physiol.* 2006;577: 445-457.

32. Mostoufi-Moab S, Widmaier EJ, Cornett JA, Gray K, Sinoway LI. Forearm training reduces the exercise pressor reflex during ischemic rhythmic handgrip. *J Appl Physiol.* 1998;84: 277-283.

33. Somers VK, Leo KC, Shields R, Clary M, Mark AL. Forearm endurance training attenuates sympathetic nerve response to isometric handgrip in normal humans. *J Appl Physiol.* 1992;72: 1039-1043.

34. Wang HJ, Pan YX, Wang WZ, Gao L, Zimmerman MC, Zucker IH, Wang W.Exercise Training Prevents the Exaggerated Exercise Pressor Reflex in Rats with Chronic Heart Failure. *J Appl Physiol.* 2010, impress.

35. Martin BJ, Stager JM.Ventilatory endurance in athletes and non-athletes. *Med Sci Sports Exerc.* 1981;13: 21-26.

36. Eastwood PR, Hillman DR, Finucane KE. Inspiratory muscle performance in endurance athletes and sedentary subjects. *Respirology.* 2001;6: 95-104.

37. Robinson EP, Kjeldgaard JM. Improvement in ventilatory muscle function with running. *J Appl Physiol.* 1982;52: 1400-1406.

38. Mickleborough TD, Stager JM, Chatham K, Lindley MR, Ionescu AA. Pulmonary adaptations to swim and inspiratory muscle training. *Eur J Appl Physiol.* 2008;103: 635-646.

39. Summerhill EM, Angov N, Garber C, McCool FD. Respiratory muscle strength in the physically active elderly. *Lung* 2007;185: 315-320.

40. Winkelmann ER, Chiappa GR, Lima COC, Viecili PRN, Stein R, Ribeiro JP. Addition of inspiratory muscle training to aerobic training improves cardiorespiratory responses to exercise in patients with heart failure and inspiratory muscle weakness. *Am Heart J.* 2009;158: 768e1-768.e7.

41. Powers SK, Lawler J, Criswell D, Dodd S, Grinton S, Bagby G, Silverman H. Endurance-training-induced cellular adaptations in respiratory muscles. *J Appl Physiol.* 1990;68: 2114-2118.

42. Powers SK, Criswell D, Lieu FK, Dodd S, Silverman H. Exercise-induced cellular alterations in the diaphragm. *Am J Physiol.* 1992;263: R1093-R1098.

43. Powers SK, Criswell D, Lawler J, Martin D, Ji LL, Herb RA, Dudley G. Regional training-induced alterations in diaphragmatic oxidative and antioxidant enzymes. *Respir Physiol.* 1994;95: 227-237.

44. Grinton S, Powers SK, Lawler J, Criswell D, Dodd S, Edwards W. Endurance training-induced increases in expiratory muscle oxidative capacity. *Med Sci Sports Exerc*. 1992;24: 551-555.

45. Gosselin LE, Betlach M, Vailas AC, Thomas DP. Training-induced alterations in young and senescent rat diaphragm muscle. *J Appl Physiol.* 1992;72: 1506-1511.

46. Vrabas IS, Dodd SL, Powers SK, Hughes M, Coombes J, Fletcher L, Demirel H, Reid MB. Endurance training reduces the rate of diaphragm fatigue in vitro. *Med Sci Sports Exerc.* 1999;31: 1605-1612.

47. Vincent HK, Powers SK, Stewart DJ, Demirel HA, Shanely RA, Naito H. Short-term exercise training improves diaphragm antioxidant capacity and endurance. *Eur J Appl Physiol.* 2000;81: 67-74.

48. Ponikowski PP, Chua TP, Francis DP, Capucci A, Coats AJ, Piepoli MF. Muscle ergoreceptor overactivity reflects deterioration in clinical status and cardiorespiratory reflex control in chronic heart failure. *Circulation*. 2001;104: 2324-2330.

49. Ponikowski P, Chua TP, Anker SD, Francis DP, Doehner W, Banasiak W, Poole-Wilson PA, Piepoli MF, Coats AJ. Peripheral chemoreceptor hypersensitivity: an ominous sign in patients with chronic heart failure. *Circulation*. 2001;104: 544-549.

50. Ciarka A, Najem B, Cuylits N, Leeman M, Xhaet O, Narkiewicz K, Antoine M, Degaute JP, van de Borne P. Effects of peripheral chemoreceptors deactivation on sympathetic activity in heart transplant recipients. *Hypertension*. 2005;45: 894-900.

51. Ponikowski P, Anker SD, Chua TP, Francis D, Banasiak W, Poole-Wilson PA, Coats AJ, Piepoli M. Oscillatory breathing patterns during wakefulness in patients with chronic heart failure: clinical implications and role of augmented peripheral chemosensitivity. *Circulation*. 1999;100: 2418-2424.

52. Chua TP, Harrington D, Ponikowski P, Webb-Peploe K, Poole-Wilson PA, Coats AJ. Effects of dihydrocodeine on chemosensitivity and exercise tolerance in patients with chronic heart failure. *J Am Coll Cardiol*. 1997;29: 147-152.

53. Chua TP, Clark AL, Amadi AA, Coats AJ. Relation between chemosensitivity and the ventilatory response to exercise in chronic heart failure. *J Am Coll Cardiol*. 1996;27: 650-657.

54. Chua TP, Coats AJ. The reproducibility and comparability of tests of the peripheral chemoreflex: comparing the transient hypoxic ventilatory drive

test and the single-breath carbon dioxide response test in healthy subjects. *Eur J Clin Invest*. 1995;25: 887-892.

55. McClean PA, Philippson EA, Martinez D, Zamel N. Single breath of CO_2 as a clinical test of the peripheral chemoreflex. *J Appl Physiol*. 1988;64: 84 -89.

56. Martinez D. Effects of aging on peripheral chemoreceptor CO_2 response during sleep and wakefulness in healthy men. *Respir. Physiol. Neurobiol*. 2008;162: 138-143.

57. Somers VK, Mark AL, Zavala DC, Abboud FM. Influence of ventilation and hypocapnia on sympathetic nerve responses to hypoxia in normal humans. *J Appl Physiol*. 1989;67: 2095-20100.

58. Somers VK, Mark AL, Zavala DC, Abboud FM. Contrasting effects of hypoxia and hypercapnia on ventilation and sympathetic activity in humans. *J Appl Physiol*. 1989;67: 2101-2106.

59. Marshall JM. Peripheral chemoreceptors and cardiovascular regulation. *Physiol Rev*. 1994;74: 543-594.

60. Sun SY, Wang W, Zucker IH, Schultz HD. Enhanced peripheral chemoreflex function in conscious rabbits with pacing-induced heart failure. *J Appl Physiol*. 1999;86: 1264-1272.

61. Chua TP, Ponikowski PP, Harrington D, Chambers J, Coats AJ. Contribution of peripheral chemoreceptors to ventilation and the effects of their suppression on exercise tolerance in chronic heart failure. *Heart.* 1996;76: 483-489.

62. Chua TP, Ponikowski P, Webb-Peploe K, Harrington D, Anker SD, Piepoli M, Coats AJ. Clinical characteristics of chronic heart failure patients with an augmented peripheral chemoreflex. *Eur Heart J*. 1997;18: 480-486.

63. Di Vanna A, Braga AM, Laterza MC, Ueno LM, Rondon MU, Barretto AC, Middlekauff HR, Negrão CE. Blunted muscle vasodilatation during

chemoreceptor stimulation in patients with heart failure. *Am J Physiol Heart Circ Physiol.* 2007;293: H846-H852.

64. Narkiewicz K, Pesek CA, van de Borne PJ, Kato M, Somers VK. Enhanced sympathetic and ventilatory responses to central chemoreflex activation in heart failure. *Circulation*. 1999;100: 262-267.

65. Solin P, Roebuck T, Johns DP, Walters EH, Naughton MT. Peripheral and central ventilatory responses in central sleep apnea with and without congestive heart failure. *Am J Respir Crit Care Med*. 2000;162: 2194-2200.

66. Corrà U, Giordano A, Bosimini E, Mezzani A, Piepoli M, Coats AJ, Giannuzzi P. Oscillatory ventilation during exercise in patients with chronic heart failure: clinical correlates and prognostic implications. *Chest*. 2002;121: 1572-1580.

67. Leite JJ, Mansur AJ, de Freitas HF, Chizola PR, Bocchi EA, Terra-Filho M, Neder JA, Lorenzi-Filho G. Periodic breathing during incremental exercise predicts mortality in patients with chronic heart failure evaluated for cardiac transplantation. *J Am Coll Cardiol*. 2003;41: 2175-2181.

68. Ribeiro JP, Stein R, Chiappa GR. Beyond peak oxygen uptake: new prognostic markers from gas exchange exercise tests in chronic heart failure. *J Cardiopulm Rehabil*. 2006;26: 63-71.

69. Tumminello G, Guazzi M, Lancellotti P, Piérard LA.Exercise ventilation inefficiency in heart failure: pathophysiological and clinical significance. *Eur Heart J*. 2007;28: 673-678.

70. Ponikowski P, Francis DP, Piepoli MF, Davies LC, Chua TP, Davos CH, Florea V, Banasiak W, Poole-Wilson PA, Coats AJ, Anker SD. Enhanced ventilatory response to exercise in patients with chronic heart failure and preserved exercise tolerance: marker of abnormal cardiorespiratory reflex control and predictor of poor prognosis.*Circulation*. 2001;103: 967-972.

71. Lykidis CK, Kumar P, Vianna LC, White MJ, Balanos GM. A respiratory response to the activation of the muscle metaboreflex during concurrent hypercapnia in man. *Exp Physiol*. 2010;95: 194-201.

72. Hammond MD, Bauer KA, Sharp JT, Rocha RD. Respiratory muscle strength in congestive heart failure. *Chest*. 1990;98: 1091-1094.

73. Meyer FJ, Borst MM, Zugck C, Kirschke A, Schellberg D, Kübler W, Haass M. Respiratory muscle dysfunction in congestive heart failure: clinical correlation and prognostic significance. *Circulation*. 2001;103: 2153-2158.

74. Mancini DM, Henson D, LaManca J, Levine S.Respiratory muscle function and dyspnea in patients with chronic congestive heart failure. *Circulation*. 1992;86: 909-918.

75. Nishimura Y, Maeda H, Tanaka K, Nakamura H, Hashimoto Y, Yokoyama M. Respiratory muscle strength and hemodynamics in chronic heart failure. *Chest*. 1994;105: 355-359.

76. Chua TP, Anker SD, Harrington D, Coats AJ. Inspiratory muscle strength is a determinant of maximum oxygen consumption in chronic heart failure. *Br Heart J.* 1995;74: 381-385.

77. Ribeiro JP, Chiappa GR, Neder JA, Frankenstein L. Respiratory muscle function and exercise intolerance in heart failure. *Curr Heart Fail Rep*. 2009;6 :95-101.

ARTIGO I

Attenuated respiratory muscle metaboreflex in endurance-trained individuals

Atenuação do metaborreflexo respiratório em indivíduos treinados aerobicamente

Attenuated respiratory muscle metaboreflex in endurance-trained individuals

Carine C. Callegaro,[1,2] Jorge P. Ribeiro,[2,3] Can Ozan Tan, [1] J. Andrew Taylor [1]

[1]Cardiovascular Research Laboratory, Department of Physical Medicine and Rehabilitation, Harvard Medical School, Spaulding Rehabilitation Hospital, Boston, Massachusetts, USA; [2]Exercise Pathophysiology Research Laboratory, Cardiology Division, Hospital de Clínicas de Porto Alegre, and [3]Department of Medicine, Faculty of Medicine, Federal University of Rio Grande Sul, Porto Alegre, Brazil.

Running head: Respiratory muscle metaboreflex in athletes

Corresponding author: J. Andrew Taylor, Cardiovascular Research Laboratory, Spaulding Rehabilitation Hospital, Room 557, 125 Nashua Street, Boston, MA 02114, USA.

Phone: +1 (617)573-2784, FAX: + 1 (617) 573-2589,

E-mail: jandrew_taylor@hms.harvard.edu

Abstract

The respiratory muscle metaboreflex may limit physical performance in athletes. Since aerobic exercise training improves inspiratory muscle conditioning, we hypothesized that endurance trained individuals demonstrate a blunted respiratory muscle metaboreflex in comparison to sedentary individuals. We studied 9 runners (23 ± 0.7 years, (maximal oxygen uptake [$\dot{V}_{O_2max}$] = 53 ± 4 ml.kg^{-1}.min^{-1}) and 9 sedentary healthy volunteers (24 ± 0.7 years, $\dot{V}_{O_2max}$ = 37 ± 2 ml.kg^{-1}.min^{-1}). The respiratory muscle metaboreflex was assessed during fatiguing inspiratory muscle work induced by breathing against an inspiratory load of 60% maximal inspiratory pressure (PI_{max}), with prolonged duty cycle. Mean blood pressure, popliteal blood flow, and heart rate were measured throughout the protocol. Fatiguing inspiratory muscle work increased mean blood pressure in endurance trained (from 101 ± 3 to 110 ± 5 mmHg) and in sedentary individuals (from 96 ± 3 to 100 ± 4 mmHg). Leg blood flow was decreased in sedentary individuals (from 0.179 ± 0.01 to 0.141 ± 0.01 cm.s), but not in trained individuals (from 0.211 ± 0.02 to 0.214 ± 0.02 cm.s). Leg vascular resistance increased in sedentary (from 559 ± 35 to 757 ± 56 units), but did not change in active individuals (from 528 ± 69 to 558 ± 64 units). Changes in leg vascular resistance at task failure of the inspiratory effort were inversely related to $\dot{V}_{O_2max}$ (r = - 0.56, $p < 0.05$). The control protocol did not change mean pressure, leg blood flow or leg vascular resistance. These data demonstrate that endurance-trained individuals present an attenuated respiratory muscle metaboreflex.

Key words: inspiratory muscle, inspiratory muscle training, rehabilitation, physical performance.

Introduction

Fatiguing inspiratory muscle work induces sympathetically mediated vasoconstriction in skeletal muscle (1,2,3), a response that appears to be mediated by nerve fibers sensitive to metabolite accumulation (4,5,6). This respiratory muscle metaboreflex can generate vasoconstriction in inactive skeletal muscle (7) but also exercising muscle (8,9,10), limiting physical performance by diverting blood flow from active limbs to the respiratory muscles (11). A number of studies indicate that endurance training of the inspiratory muscles attenuates the respiratory muscle metaboreflex in young healthy individuals (12,13) as well as in patients with chronic heart failure (14).

Whole body aerobic exercise training may also improve inspiratory muscle performance. For example, the oxidative capacity of the diaphragm increases after aerobic exercise training in rats (15,16,17,18,19), and age-related reductions in inspiratory muscle strength are prevented by regular aerobic exercise in humans (20). In addition, aerobic exercise training increases inspiratory muscle endurance in previously sedentary young healthy individuals (21) and increases inspiratory muscle strength in patients with chronic heart failure (22). However, despite evidence suggesting that physical exercise improves inspiratory muscle conditioning, it is unknown if this translates into attenuation of the respiratory muscle metaboreflex. Based upon prior findings of greater oxidative capacity and endurance in inspiratory muscles after aerobic exercise training, we hypothesized that endurance trained individuals would demonstrate a blunted respiratory muscle metaboreflex in comparison to sedentary individuals.

Methods

Subjects and Design

This was a cross sectional study involving 18 healthy young individuals aged 21 to 29 years (mean 24 ± 0.5 years). Nine volunteers were active runners performing at least 150 min of exercise per week for at least three months (average 30 ± 12 months). Nine were sedentary individuals not involved in regular aerobic exercise for at least the past year. All subjects were non-smokers, non-obese, free of autonomic and cardiovascular diseases, and had no weight change greater than 5 kg in the 6 months prior to study. All subjects gave written informed consent prior to participation. The study was approved by the institutional review board at Spaulding Rehabilitation Hospital.

Pre-Study Evaluations

PI_{max} was assessed by a pressure transducer (Gould, Cleveland, Ohio, USA) during deep inspiration from residual volume against an occluded airway with a minor air leak (2 mm). The test was repeated several times to find 6 measurements with less than 10% variation (23). This measurement had a coefficient of variation of 3.9 ± 4% on two different days. All subjects were familiarized with the experimental protocol by breathing against an inspiratory load of 60% PI_{max} and with prolonged duty cycle (inspiratory time [TI]/total time [TTot] = 0.75]. This task was stopped before inducing inspiratory muscle fatigue.

Subsequently, $\dot{V}O_{2max}$ was determined by a maximal cardiopulmonary exercise test. Using a ramp protocol, subjects walked and ran on a treadmill,

while grade was increased every 2 min until exhaustion. $\dot{V}O_{2max}$ was assessed by online computer-assisted open circuit spirometry. Expired O_2 and CO_2 gas fractions were measured with paramagnetic O_2 and infrared CO_2 analyzers (TrueOne2004, East Sandy, Utah, USA). Ventilation was assessed by a Hans Rudolph 3813 pneumotachograph (Kansas City, MO, USA). Attainment of $\dot{V}O_{2max}$ was determined by meeting at least 3 of the following criteria: 1) O_2 uptake plateau despite increasing workload; 2) respiratory exchange ratio ≥ 1.10 at peak exercise; 3) achievement of age-predicted maximal heart rate; and 4) a rating of perceived exertion ≥ 19 on the Borg scale of 6 to 20.

Experimental Protocol

At least two days after the pre-study evaluation, the experimental protocol was performed in the morning in a temperature controlled room. All subjects were in a fasting state, avoided caffeinated beverages and alcohol for at least 12 hours, and exercise for at least 48 hours prior to study. First, PI_{max} was determined as described above to account for a potential learning effect. Subjects were instrumented in the supine position for the measurement of brachial blood pressure (Dinamap, DASH 2000, General Electric, Bloomfield, CT, USA), finger beat-by-beat blood pressure (Finapres, Ohmeda, Louisville, CO, USA), heart rate (standard lead II ECG), and popliteal blood flow. Popliteal blood flow was estimated via Doppler ultrasonography (Multidop T2, DWL, Singen, Mühlhausen-Ehingen, Germany) based on flow velocity through the arterial vessel. Briefly, a continuous wave 4 MHZ Doppler probe was placed against the skin under the knee to insonate the popliteal artery proximal to the

bifurcation. The signal was optimized and the waveform of the integrated Doppler-derived velocity was recorded as a measure of beat-by-beat popliteal flow. This approach has been validated by showing excellent agreement between Doppler and plethysmography derived flows (24) (r^2=0.93). In addition, inspiratory volume was assessed via pneumotachograph (Pneumotach 3700 series, Hans Rudolph, Kansas City, MI, USA), end-tidal partial pressure of CO_2 (PET_{CO2}) was measured via an infrared CO_2 analyzer (VacuMed, Ventura, CA, USA), and inspiratory pressure at the mouth was continuously assessed via a pressure transducer.

Baseline data were collected during 5 minutes of spontaneous breathing. Subsequently, fatiguing inspiratory muscle work, induced by breathing against an inspiratory load of 60% of PI_{max} and with prolonged duty cycle (TI/TTot = 0.75), was employed to assess the respiratory muscle metaboreflex (24). Subjects breathed continuously through a medium two-way valve (Hans Rudolph, 2600 series, Shawnee, KS, USA) connected to a POWER-breathe Inspiratory Muscle Trainer (Southam, United Kingdom) on the inspiratory side. Inspiratory pressure was continuously recorded and displayed on a computer screen. During each inspiratory effort, subjects were instructed to: 1) achieve the preset of target inspiratory pressure (60% PI_{max}) traced on the screen; 2) maintain a square wave inspiratory pressure throughout each inspiration; and 3) avoid inadvertent contraction of non-respiratory muscles. Breathing frequency (15 breaths per min) and duty cycle (TI/TTot = 0.75) were guided by a computer generated audio signal with distinct inspiratory and expiratory commands. Fatiguing inspiratory muscle work was continued for one minute beyond the

point of the task failure, the point at which the subject could not achieve or maintain the target inspiratory pressure despite continued verbal encouragement. Inspiratory effort was assessed by a 6 to 20-point Borg scale when fatiguing inspiratory work was interrupted. After 40 minutes of recovery, baseline data were collected during 5 minutes of spontaneous breathing followed by a control protocol of the same duration as the fatiguing work. An inspiratory load of 2% PI_{max} and a prolonged duty cycle (0.75) were used in the control protocol. Subjects mimicked the breathing pattern and tidal volume performed during fatiguing inspiratory muscle work. PET_{CO2} was maintained at eupneic levels during both fatiguing and control protocols via CO_2 addition into the inspiratory circuit.

Statistical Analyses

Descriptive data are presented as mean ± SE. Unpaired t-test was used to compare physical characteristics, PI_{max} and $\dot{V}O_{2max}$ between endurance trained and sedentary individuals. Hemodynamic and respiratory responses to fatiguing inspiratory muscle work and control protocol were evaluated by two-way analysis of variance for repeated measures. When indicated, multiple comparisons were performed using the Tukey *post hoc* test. Pearson correlation was used to evaluate the following associations: changes in leg vascular resistance during fatiguing inspiratory muscle work and $\dot{V}O_{2max}$; time to achieve task failure of the inspiratory effort and $\dot{V}O_{2max}$; and time to achieve task failure of the inspiratory effort and PI_{max}. Differences and relations were considered significant at $p < 0.05$.

Results

As expected, endurance trained individuals had higher $\dot{V}O_{2max}$ compared to sedentary, but the groups did not differ in inspiratory muscle strength (Table 1). All subjects were able to maintain a breathing frequency of 15 resp/min and a prolonged duty cycle for fatiguing and control protocols (Table 2 and Table 3). PET_{CO2} was maintained at eupneic levels during fatiguing and control protocols (Table 2 and Table 3), but there was a slightly reduction in PET_{CO2} in the first minute of fatiguing inspiratory muscle work. Inspiratory volume was increased

Table 1. Characteristics

	Trained (n=9)	**Sedentary (n = 9)**	***p***
Age (years)	23 ± 0.7	24 ± 0.7	0.38
Gender (male/female)	5/4	6/3	
Weight (kg)	66 ± 4	71 ± 4	0.36
Height (cm)	1.74 ± 0.03	1.70 ± 0.04	0.28
Inspiratory muscle strength			
PImax (cmH_2O)	115 ± 6	111 ± 8	0.68
$\dot{V}O_{2max}$ ($ml.kg^{-1}.min^{-1}$)	53 ± 4	37 ± 2	0.002

Data are presented as mean ± SE. PImax = maximal inspiratory pressure; $\dot{V}O_{2max}$ = maximal oxygen uptake.

during fatiguing inspiratory muscle work and control protocol in endurance trained and in sedentary individuals (Table 2 and Table 3).

Fatiguing inspiratory muscle work tended to induce task failure slightly later in the endurance trained (trained: 321 ± 132 s, sedentary: 252 ± 107 s, p = 0.26). Time to achieve task failure of the inspiratory effort was significantly correlated to $\dot{V}O_{2max}$ across all subjects (r = 0.47, $p < 0.05$), but there was no significant correlation between maximal inspiratory pressure and time to achieve task failure of the inspiratory effort (r = 0.09, $p > 0.05$). Inspiratory pressure expressed as area under a curve (PI AUC) was similarly reduced in trained and in sedentary individuals at task failure of the inspiratory effort (Table 2). Furthermore, at task failure of inspiratory effort, both endurance trained and sedentary individuals reached similar Borg rating scale for effort (16 ± 2 and 16 ± 3). During the control protocol there was no significant change in inspiratory pressure (Table 3).

Fatiguing inspiratory work increased mean blood pressure and heart rate throughout the bout similarly in trained and sedentary individuals (Figure 1). Leg blood flow was decreased in the sedentary individuals (-18 ± 4%), whereas it was not changed in the endurance trained athletes [(4 ± 5%) Figure 1]. In one sedentary individual it was not possible to assess leg blood flow at task failure of the inspiratory effort. Leg vascular resistance was increased in sedentary individuals by fatiguing inspiratory muscle work and the increase averaged ~

Table 2. Respiratory variables during fatiguing inspiratory muscle work (60% PImax)

	Baseline	1 min	2 min	End
BF (resp/min) [a]				
Trained	12.13 ± 1.02	15 ± 0*	15.44 ± 0.18*†	15.56 ± 0.18*†
Sedentary	10.09 ± 1.3	14.78 ± 0.15*	15.56 ± 0.18*†	15.44 ± 0.18*†
IV (ml) [a,b]				
Trained	674 ± 100	799 ± 89*	827 ± 90*	909 ± 120*
Sedentary	635 ± 33	724 ±91*	652 ± 72*	613 ± 51*
PET_{CO2} (mmHg)[a]				
Trained	39 ± 2†	37 ± 2	40 ± 3†	40 ± 2†
Sedentary	37 ± 2†	34 ± 2	37 ± 2†	38 ± 3†
TI/Ttot				
Trained	0.43 ± 0.02	0.75 ± 0.02*	0.75 ± 0.02*†	0.76 ± 0.02*
Sedentary	0.46 ± 0.05	0.70 ± 0.02*	0.68 ± 0.03*†	0.70 ± 0.02*
PI Peak (cmH_2O) [a]				
Trained	- 1.6 ± 0.2	- 68 ± 3*	- 66 ± 3*	- 66 ± 3*
Sedentary	- 1.8 ± 0.9	- 66 ± 5*	- 65 ± 6*	- 65 ± 6*
PI AUC ($cmH_2O.s$)[a]				
Trained	25975 ± 3270	1426986± 107258*	1334778 ± 101155*	1317233 ± 98599*†
Sedentary	61170 ± 23223	1134549 ± 169782*	1054016 ± 165566*	1019040 ± 162060*†

Data are presented as mean ± SE. BF (breathing frequency); IV (inspiratory volume); TI/TTot (inspiratory time/total time); PI Peak (peak inspiratory pressure); PI AUC (inspiratoty pressure expressed as area under a curve); a) time effect; b) group effect; * $p < 0.05$ vs Baseline;† $p < 0.05$ vs 1 min; ‡ $p < 0.05$ vs 2 min.

Table 3. Respiratory variables during control protocol (2% PImax)

	Baseline	1 min	2 min	End
BF (resp/min) [a]				
Trained	11.63 ± 1.04	15.11 ± 0.35*	15.22 ± 0.15*	15.78 ± 0.22*†‡
Sedentary	10.14 ± 1.08	14.67 ± 0.23*	15.11 ± 0.11*	15.89 ± 0.20*†‡
IV (ml) [a]				
Trained	703 ± 130	991 ± 139*	1054 ± 145*	966 ± 103*
Sedentary	593 ± 29	760 ± 82*	716 ± 62*	745 ± 79*
PET_{CO2} (mmHg)				
Trained	40 ± 2	39 ± 3	38 ± 3	39 ± 2
Sedentary	37 ± 2	35 ± 3	37 ± 2	36 ± 2
TI/TTot [a]				
Trained	0.43 ± 0.03	0.61 ± 0.02*	0.61 ± 0.02*	0.61 ± 0.03*
Sedentary	0.47 ± 0.02	0.62 ± 0.04*	0.63 ± 0.04*	0.62 ± 0.05*
PI Peak (cmH_2O) [a]				
Trained	- 1.4 ± 0.2	- 2 ± 0.4*	- 2 ± 0.4*	- 2 ± 0.3
Sedentary	- 1.2 ± 0.8	- 3 ± 1.2*	- 4 ± 2*	- 4 ± 2
PI AUC ($cmH_2O.s$)				
Trained	25085 ± 4687	37320 ± 5005	39358 ± 5497	36174 ± 4817
Sedentary	55311 ± 17537	62793 ± 13071	72923 ± 25896	61940 ± 15711

Data are presented as mean ± SE. BF (breathing frequency); IV (inspiratory volume); TI/TTot (inspiratory time/total time); PI Peak (peak inspiratory pressure); PI AUC (inspiratoty pressure expressed as area under a curve); a) time effect; * $p < 0.05$ vs Baseline;† $p < 0.05$ vs 1 min; ‡ $p < 0.05$ vs 2 min.

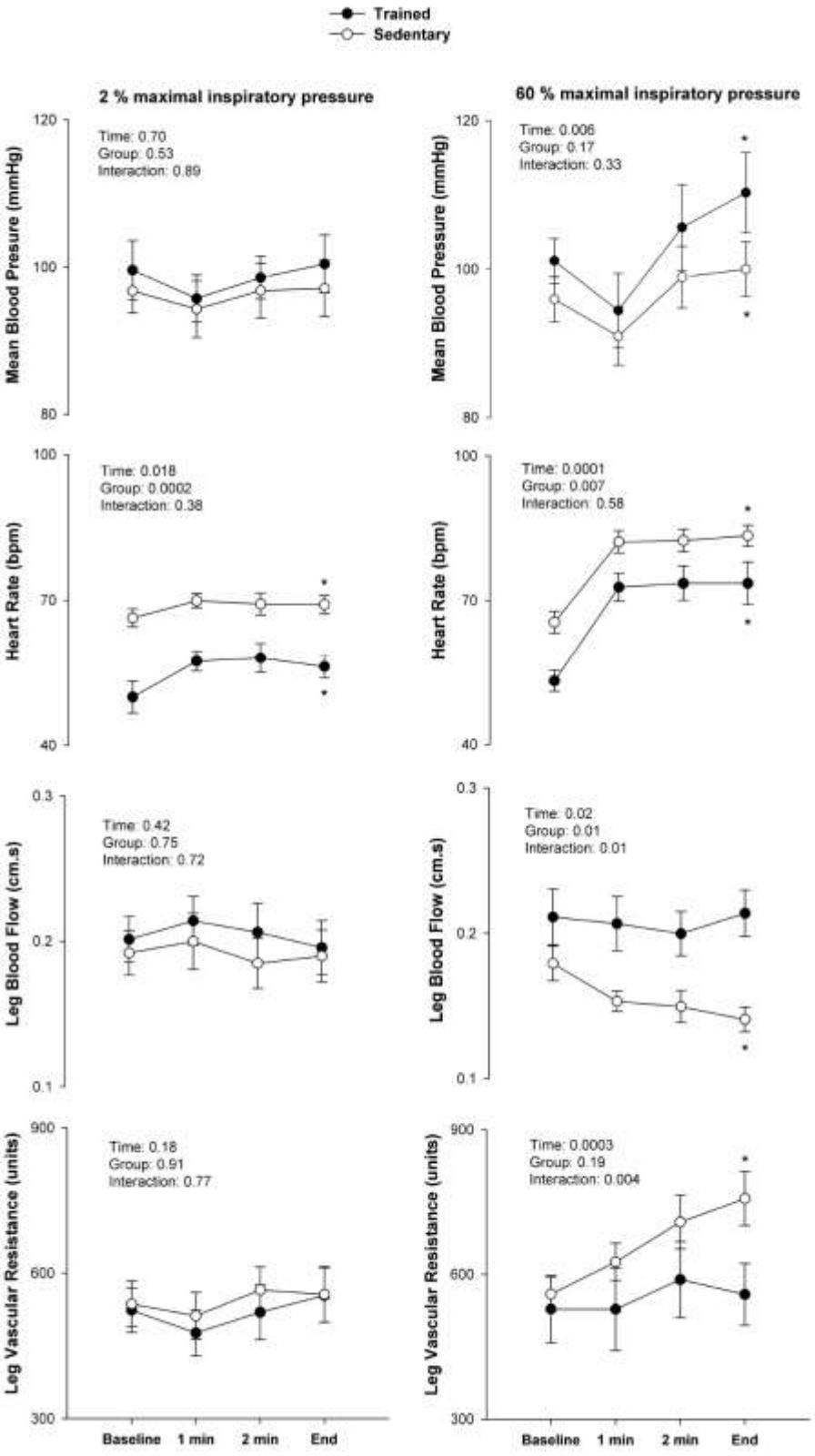

Figure 1. Haemodynamic effects of fatiguing inspiratory muscle work and control protocol in endurance trained and sedentary individuals. Values are mean ± SE. Two-way analysis of variance for repeated measures was performed to compared baseline and the last minute of inspiratory muscle work corresponding to task failure of the inspiratory effort. * Significantly different from baseline ($p < 0.05$).

33%. In contrast, leg vascular resistance presented no significant changes in endurance-trained individuals (Figure 1). Examination of the relation between $\dot{V}O_{2max}$ and the vascular resistance response to fatiguing inspiratory muscle work showed that, across all subjects, the magnitude of the peripheral vasoconstriction was inversely related to $\dot{V}O_{2max}$ (r = - 0.56, $p < 0.05$, Figure 2). In contrast, the control protocol did not significantly change mean pressure, leg blood flow or leg vascular resistance in either group, only heart rate was slightly increased (Figure 1).

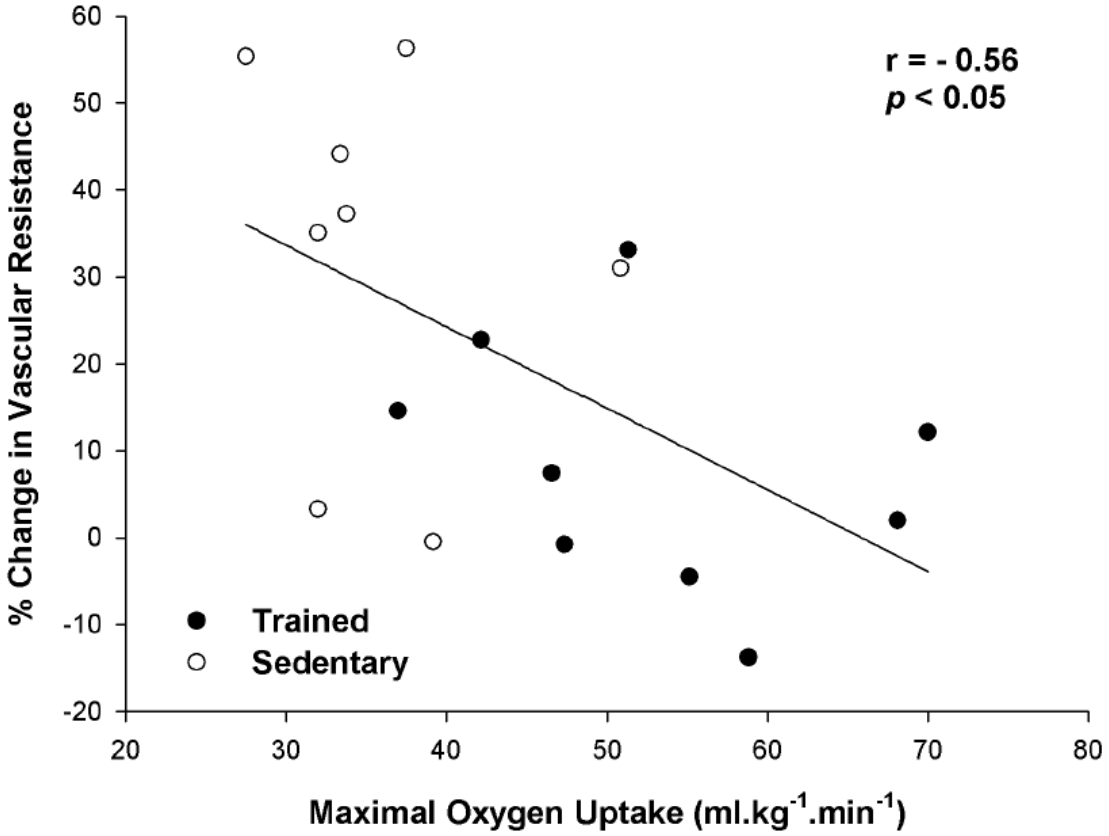

Figure 2. Relationship between $\dot{V}O_{2max}$ and percentage of change in leg vascular resistance during fatiguing inspiratory muscle work.

Discussion

Consistent with previous findings (1,2), our experiments showed that sedentary individuals presented an increase in leg vascular resistance with fatiguing inspiratory muscle work. In contrast, endurance-trained subjects had no significant increase in leg vascular resistance with fatiguing inspiratory muscle work. In addition, we found that maximal aerobic power across all subjects was inversely related to the peripheral vasoconstrictor response to inspiratory metaboreflex activation. These findings are in agreement with our working hypothesis that endurance-trained individuals have a blunted respiratory muscle metaboreflex.

The findings of the present cross sectional study suggest that whole body endurance training blunts the inspiratory muscle metaboreflex. However, the mechanisms responsible for this effect are not readily apparent. Previous studies have shown that, in healthy individuals, inspiratory muscle training results in attenuation of the respiratory muscle metaboreflex (12,13). Likewise, our group has previously shown that patients with heart failure and inspiratory muscle weakness have an exacerbated vasoconstrictor response to fatiguing inspiratory muscle work and that inspiratory muscle training improves limb blood flow under inspiratory loading in these patients (14). Therefore, it is concievable that whole body aerobic training might improve inspiratory muscle conditioning, resulting in reduced metabolite accumulation during fatiguing inspiratory work and consequent attenuation of the respiratory muscle metaboreflex. In fact, there is evidence that aerobic exercise training increases tissue oxidant and antioxidant capacity (15,16,17,18,19,25) and improves capillary density (17) of

the inspiratory muscles. In addition, aerobic exercise training reduces the rate of diaphragm fatigue in vitro (19) and prevents age-related reductions in inspiratory muscle strength (20). Moreover, regular running exercise (21) increases respiratory muscle endurance in previously sedentary subjects and swimming training also increases inspiratory muscle endurance, as indicated by increases in the time to fatigue and in the total area of sustained PI_{max} (26).

Our endurance-trained individuals could have greater inspiratory muscle endurance than sedentary individuals. Although we did not perform an endurance test of the inspiratory muscles (23), endurance-trained individuals tended to show a slightly later task failure of the inspiratory muscles during fatiguing inspiratory muscle work. Likely, whole body exercise increases the inspiratory muscle work via greater ventilatory requirement leading to inspiratory muscle conditioning. For example, ventilatory muscle training at 60% of PI_{max} increases respiratory muscle endurance and attenuates the increment in blood lactate concentration during respiratory endurance test (27). If this finding is applicable for regular aerobic exercise, reduced lactate accumulation during fatiguing inspiratory muscle work could account for attenuated inspiratory metaboreflex. This hypothesis is also supported by data which indicate that handgrip exercise training reduces metabolite accumulation, blunting blood pressure responses during ischemic exercise (28). Furthermore, muscle sympathetic nerve activity after forearm ischemia is attenuated by the forearm endurance training (29).

Our findings may have practical implications. An attenuated inspiratory metaboreflex in endurance-trained individuals could affect physical

performance. In fact, we found an inverse correlation between $\dot{V}O_{2max}$ and percentage of change in leg vascular resistance during fatiguing inspiratory muscle work. Thus, the most fit individuals demonstrate the most attenuated response to fatiguing inspiratory work. In previous study, increasing the work of breathing during maximal exercise reduced leg blood flow in cyclists (11). On the other hand, unloading the inspiratory muscles increased time performance during maximal cycle exercise (10) and prevented exercise-induced quadriceps fatigue in endurance-trained cyclist (30). These data suggest that the attenuation of the inspiratory metaboreflex can improve physical performance even in endurance-trained individuals. Furthermore, an attenuated inspiratory metaboreflex could explain the fact that inspiratory muscle training fails to increase physical performance in runners (31) and in well-trained athletes (32).

Our study has several limitations. First, we did not measure inspiratory muscle endurance. In agreement with previous findings (33), our sedentary and trained individuals had similar inspiratory muscle strength, as assessed by PImax., but inspiratory muscle endurance could have been different between the groups and this should be evaluated in future studies. Second, we did not assess diaphragm fatigue in this study. However, we considered reductions in mouth pressure as representative of task failure of the inspiratory muscles, as previously demonstrated (1,2,3,14). Finally, the cross sectional design of the present study indicates that our findings should be confirmed by prospective trials on the effects of whole body aerobic training on the inspiratory muscle metaboreflex.

Conclusion

Fatiguing inspiratory muscle work-induced peripheral vasoconstriction is attenuated in endurance-trained individuals, suggesting that regular aerobic exercise blunts the inspiratory muscle metaboreflex.

Acknowledgments

Callegaro C.C. was supported by grant from The National Council for Scientific and Technological Development (CNPq), Brasilia/Brazil.

References

1. Sheel AW, Derchak PA, Morgan BJ, Pegelow DF, Jacques AJ, Dempsey JA. Fatiguing inspiratory muscle work causes reflex reduction in resting leg blood flow in humans. *J Physiol.* 2001;537: 277-289.

2. Sheel AW, Derchak PA, Pegelow DF, Dempsey JA. Threshold effects of respiratory muscle work on limb vascular resistance. *Am J Physiol Heart Circ Physiol.* 2002;282: H1732-H1738.

3. St Croix CM, Morgan BJ, Wetter TJ, Dempsey JA. Fatiguing inspiratory muscle work causes reflex sympathetic activation in humans. *J Physiol.* 2000;529: 493-504.

4. Hill JM. Discharge of group IV phrenic afferent fibers increases during diaphragmatic fatigue. *Brain Res.* 2000;856: 240-244.

5. Hussain SN, Chatillon A, Comtois A, Roussos C, Magder S. Chemical activation of thin-fiber phrenic afferents. 2. Cardiovascular responses. *J Appl Physiol.* 1991;70: 77-86.

6. Rodman JR, Henderson KS, Smith CA, Dempsey JA. Cardiovascular effects of the respiratory muscle metaboreflexes in dogs: rest and exercise. *J Appl Physiol.* 2003;95: 1159-1169.

7. Dempsey JA, Sheel AW, St Croix CM, Morgan BJ. Respiratory influences on sympathetic vasomotor outflow in humans. *Respir Physiol Neurobiol.* 2002;130: 3-20.

8. Harms CA, Babcock MA, McClaran SR, Pegelow DF, Nickele GA, Nelson WB, Dempsey JA. Respiratory muscle work compromises leg blood flow during maximal exercise. *J Appl Physio.l* 1997;82: 1573-1583.

9. Harms CA, Wetter TJ, McClaran SR, Pegelow DF, Nickele GA, Nelson WB, Hanson P, Dempsey JA. Effects of respiratory muscle work on cardiac output and its distribution during maximal exercise. *J Appl Physiol.* 1998;85: 609-618.

10. Harms CA, Wetter TJ, St Croix CM, Pegelow DF, Dempsey JA. Effects of respiratory muscle work on exercise performance. *J Appl Physiol.* 2000;89: 131-138.

11. Dempsey JA, McKenzie DC, Haverkamp HC, Eldridge MW. Update in the understanding of respiratory limitations to exercise performance in fit, active adults. *Chest.* 2008;134: 613-622.

12. McConnell AK*,* Lomax M. The influence of inspiratory muscle work history and specific inspiratory muscle training upon human limb muscle fatigue. *J Physiol.* 2006;577: 445-457.

13. Witt JD, Guenette JA, Rupert JL, McKenzie DC, Sheel AW. Inspiratory muscle training attenuates the human respiratory muscle metaboreflex. *J Physiol.* 2007;584: 1019-1028.

14. Chiappa GR, Roseguini BT, Vieira PJ, Alves CN, Tavares A, Winkelmann ER, Ferlin EL, Stein R, Ribeiro JP. Inspiratory muscle training improves blood flow to resting and exercising limbs in patients with chronic heart failure. *J Am Coll Cardiol.* 2008;51: 1663-1671.

15. Gosselin LE, Betlach M, Vailas AC, Thomas DP. Training-induced alterations in young and senescent rat diaphragm muscle. *J Appl Physiol.* 1992;72: 1506-1511.

16. Powers SK, Lawler J, Criswell D, Dodd S, Grinton S, Bagby G, Silverman H. Endurance-training-induced cellular adaptations in respiratory muscles. *J Appl Physiol.* 1990;68: 2114-2118.

17. Powers SK, Criswell D, Lieu FK, Dodd S, Silverman H. Exercise-induced cellular alterations in the diaphragm. *Am J Physiol.* 1992;263: R1093-R1098.

18. Powers SK, Grinton S, Lawler J, Criswell D, Dodd S. High intensity exercise training-induced metabolic alterations in respiratory muscles. *Respir Physiol.* 1992;89: 169-177.

19. Vrabas IS, Dodd SL, Powers SK, Hughes M, Coombes J, Fletcher L, Demirel H, Reid MB. Endurance training reduces the rate of diaphragm fatigue in vitro. *Med Sci Sports Exerc.* 1999;31: 1605-1612.

20. Summerhill EM, Angov N, Garber C, McCool FD. Respiratory muscle strength in the physically active elderly. *Lung.* 2007;185: 315-320.

21. Robinson EP, Kjeldgaard JM. Improvement in ventilatory muscle function with running. *J Appl Physiol.* 1982;52: 1400-1406.

22. Winkelmann ER, Chiappa GR, Lima COC, Viecili PRN, Stein R, Ribeiro JP. Addition of inspiratory muscle training to aerobic training improves

cardiorespiratory responses to exercise in patients with heart failure and inspiratory muscle weakness. *Am Heart J.* 2009;158: 768e1-768.e7.

23. American Thoracic Society/European Respiratory Society. Statement on Respiratory Muscle Testing. *Am J Respir Crit Care Med.* 2002;166: 518-624.

24. Tschakovsky ME, Shoemaker JK, Hughson RL. Beat-by-beat forearm blood flow with Doppler ultrasound and strain-gauge plethysmography. *J Appl Physiol.* 1995;79: 713-719.

25. Vincent HK, Powers SK, Stewart DJ, Demirel HA, Shanely RA, Naito H. Short-term exercise training improves diaphragm antioxidant capacity and endurance. *Eur J Appl Physiol.* 2000;81: 67-74.

26. Mickleborough TD, Stager JM, Chatham K, Lindley MR, Ionescu AA. Pulmonary adaptations to swim and inspiratory muscle training. *Eur J Appl Physiol.* 2008;103: 635-646.

27. Verges S, Renggli AS, Notter DA, Spengler CM. Effects of different respiratory muscle training regimes on fatigue-related variables during volitional hyperpnoea. *Respir Physiol Neurobiol*. 2009;169: 282-290.

28. Mostoufi-Moab S, Widmaier EJ, Cornett JA, Gray K, Sinoway LI. Forearm training reduces the exercise pressor reflex during ischemic rhythmic handgrip. *J Appl Physiol.* 1998;84: 277-283.

29. Somers VK, Leo KC, Shields R, Clary M, Mark AL. Forearm endurance training attenuates sympathetic nerve response to isometric handgrip in normal humans. *J Appl Physiol.* 1992;72: 1039-1043.

30. Romer LM, Lovering AT, Haverkamp HC, Pegelow DF, Dempsey JA. Effect of inspiratory muscle work on peripheral fatigue of locomotor muscles in healthy humans. *J Physiol*. 2006;571: 425-439.

31. Williams JS, Wongsathikun J, Boon SM, Acevedo EO. Inspiratory muscle training fails to improve endurance capacity in athletes. *Med Sci Sports Exerc*. 2002;34: 1194-1198.

32. Inbar O, Weiner P, Azgad Y, Rotstein A, Weinstein Y. Specific inspiratory muscle training in well-trained endurance athletes. *Med Sci Sports Exerc.* 2000*;* 32: 1233-1237.

33. Eastwood PR, Hillman DR, Finucane KE. Inspiratory muscle performance in endurance athletes and sedentary subjects. *Respirology.* 2001;6: 95-104.

ARTIGO II

Augmented peripheral chemoreflex in patients with heart failure and inspiratory muscle weakness.

Aumento do quimiorreflexo periférico em pacientes com insuficiência cardíaca e fraqueza muscular inspiratória

Respiratory Physiology & Neurobiology 171 (2010) 31–35

Contents lists available at ScienceDirect

Respiratory Physiology & Neurobiology

journal homepage: www.elsevier.com/locate/resphysiol

Augmented peripheral chemoreflex in patients with heart failure and inspiratory muscle weakness☆

Carine C. Callegaro[a], Denis Martinez[a,b,c], Paula A.B. Ribeiro[a], Marta Brod[a], Jorge P. Ribeiro[a,b,c,*]

[a] Exercise Pathophysiology Research Laboratory, Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Porto Alegre, Brazil
[b] Cardiology Division, Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Porto Alegre, Brazil
[c] Department of Medicine, Faculty of Medicine, Federal University of Rio Grande Sul, Porto Alegre, Brazil

ARTICLE INFO

Article history:
Received 22 December 2009
Received in revised form 10 January 2010
Accepted 14 January 2010

Keywords:
Single-breath CO_2 test
Exercise oscillatory ventilation
Inspiratory muscle training

ABSTRACT

We hypothesized that heart failure patients with inspiratory muscle weakness (IMW) present greater peripheral chemoreflex responsiveness and augmented exercise ventilatory oscillation compared to patients with preserved inspiratory muscle strength. We studied 19 heart failure patients: 9 with IMW (maximal inspiratory pressure [PImax] < 70% of predicted) and 10 with preserved inspiratory muscle strength. Inspiratory muscle strength was measured via pressure transducer. Peripheral chemoreflex was evaluated by the single-breath CO_2 test. Exercise ventilatory oscillation was determined as the ratio between amplitude and mean of each oscillation during incremental exercise. Patients with IMW had greater peripheral chemoreflex response (0.11 ± 0.03 l min^{-1} Torr^{-1}) than those with preserved inspiratory muscle strength (0.07 ± 0.03 l min^{-1} Torr^{-1}, $p = 0.02$). Moreover, there was a significant and inverse correlation between PImax and peripheral chemoreflex response ($r = -0.57$, $p = 0.01$). Likewise, there was a significant and inverse correlation between PImax and ventilatory oscillations ($r = -0.46$, $p = 0.04$). Our findings indicate that IMW is linked to increased peripheral chemoreflex and augmented exercise ventilatory oscillation in patients with chronic heart failure.

1. Introduction

Patients with chronic heart failure (CHF) may present abnormal ventilatory response to incremental exercise, including an increased slope of ventilation *vs.* carbon dioxide production ($\dot{V}_E/\dot{V}_{CO_2}$ slope) as well as periodic breathing, and both of these findings have prognostic value (Ribeiro et al., 2006). Several pathophysiological mechanisms have been proposed to explain these ventilatory patterns and a chemoreflex deregulation seems to participate in both (Tumminello et al., 2007). Another ventilatory abnormality with prognostic impact in CHF is inspiratory muscle weakness (IMW) (Frankenstein et al., 2008), which may be related to impaired limb blood flow, most likely due to an abnormal activity of the inspiratory muscle metaboreflex (Chiappa et al., 2008). Interestingly, we have previously shown that in patients with CHF and IMW, inspiratory muscle training improves ventilatory responses to exercise, with reduction in $\dot{V}_E/\dot{V}_{CO_2}$ slope and ventilatory oscillations (Dall'Ago et al., 2006; Ribeiro et al., 2009; Stein et al., 2009; Winkelmann et al., 2009). This effect of inspiratory muscle training on ventilatory responses associated with overactivity of chemoreflex suggests that inspiratory muscle strength and chemoreflex response could be associated in CHF. Therefore, the purpose of this study is to test the hypothesis that patients with CHF and IMW may have an augmented peripheral chemoreflex response when compared to patients with preserved inspiratory muscle strength.

2. Methods

2.1. Patients

We studied 19 patients with stable CHF due to left ventricular systolic dysfunction. Since current evidence suggests that patients with CHF with IMW respond better to inspiratory muscle training than patients without IMW (Arena et al., 2009; Chiappa et al., 2008; Dall'Ago et al., 2006; Ribeiro et al., 2009; Stein et al., 2009; Winkelmann et al., 2009), we evaluated two groups of patients: 9 with IMW (maximal inspiratory pressure [PImax] < 70% of predicted for age and gender [Neder et al., 1999]) and 10 with preserved inspiratory muscle strength. All patients had left ventricular ejection fraction less than 40%, had no history of angina or pulmonary disease, and were not obese or smokers. The protocol

☆ *Sources of support:* C.C. Callegaro was supported by scholarship from the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq), Brasília, Brazil. This study was supported by a grant from the Research Incentive Fund of the Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Porto Alegre, Brazil.

* Corresponding author at: Non-invasive Cardiology, Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Rua Ramiro Barcelos 2350, 90035-007, Porto Alegre, RS, Brazil.
Tel.: +55 51 9982 4984; fax: +55 51 3359 6857.
E-mail address: jpribeiro@cpovo.net (J.P. Ribeiro).

1569-9048/$ – see front matter © 2010 Elsevier B.V. All rights reserved.
doi:10.1016/j.resp.2010.01.009

was approved by the Committee for Ethics in Research of the Hospital de Clínicas de Porto Alegre, and all patients signed an informed consent form. For all patients, measurement of inspiratory muscle strength, peripheral chemoreflex evaluation, and cardiopulmonary exercise test were obtained. Investigators responsible for each of the methods were not aware of the results of the other evaluations.

2.2. Measurement of maximal inspiratory pressure

PImax was measured with a pressure transducer (MVD-500 V.1.1 Microhard System, Globalmed, Porto Alegre, Brazil) during deep inspiration from residual volume against an occluded airway with a minor air leak (2 mm), as previously described (Dall'Ago et al., 2006; Chiappa et al., 2008; Winkelmann et al., 2009). The test was repeated at least 12 times to find 6 measurements with less than 10% of variation (American Thoracic society/European Respiratory Society, 2002).

2.3. Peripheral chemoreflex

Fast peripheral chemoreflex responsiveness was evaluated by the single-breath CO_2 test, as previously described (McClean et al., 1988; Martinez, 2008). Patients rested for 15 min in the supine position and breathed throughout a T-valve connected to a 6-liter reservoir bag containing 13% CO_2 in air. The T-valve was turned during the expiratory phase of the previous breath so that the subject inhaled a single breath of 13% CO_2 in air. $\dot{V}_E$ and end-tidal partial pressure of CO_2 (PET_{CO_2}) were analyzed breath-by-breath (Metalyzer 3B, CPX System, Cortex, Leipzig, Germany). Peripheral chemoreflex responsiveness was determined by the ratio between the change in ventilation and the change in PET_{CO_2} during the first 20 seconds after exposure and was expressed in liters per minute per Torr ($l\,min^{-1}\,Torr^{-1}$). At least 10 tests were applied at 2 min intervals. To evaluate reproducibility, the single-breath CO_2 test was repeated in 7 patients after one week.

2.4. Cardiopulmonary exercise testing

Maximal incremental exercise test was performed on a treadmill (INBRAMED 10200, Porto Alegre, Brazil) using a ramp protocol, starting at a speed of 2.4 km h^{-1} and 2% slope, with 20-s increments of speed and slope to reach volitional fatigue at approximately 10 min, as previously described (Dall'Ago et al., 2006). Gas exchange variables were measured breath-by-breath by a validated system (Metalyzer 3B, CPX System, Cortex, Leipzig, Germany) (Meyer et al., 2001). Heart rate was determined using the R–R interval from a 12-lead electrocardiogram. Cardiopulmonary exercise variables were calculated as previously described (Dall'Ago et al., 2006). In short, peak oxygen uptake ($\dot{V}_{O_2}$ peak) was defined as the highest value achieved during the test for 20 seconds. $\dot{V}_E/\dot{V}_{CO_2}$ slope was obtained by linear regression model using all data points obtained during the exercise test. The quantification of ventilatory oscillations was performed as originally proposed by Francis et al. (1999) and modified by Dall'Ago et al. (2006). For every 2 adjacent 20-s period of $\dot{V}_E$, the amplitude of oscillation was calculated as difference between the 2 points divided by their mean. This value was again divided by the mean to obtain the relative amplitude, and the values of the entire cardiopulmonary test were averaged to convey in a single ratio. Therefore, similarly to what was done in our previous studies on inspiratory muscle training (Dall'Ago et al., 2006; Winkelmann et al., 2009), we quantified ventilatory oscillations during incremental exercise, but we did not evaluate the presence of periodic breathing, as done in other investigations (Agostoni et al., 2008; Ribeiro, 2006).

2.5. Statistical analysis

Descriptive data are presented as mean ± SD. Considering that inspiratory muscle strength as measured by PImax is a continuous variable and that from the clinical point of view it is useful to classify patients with or without IMW, we performed two analyses. First, groups were compared by the Student's *t*-test and afterwards the Pearson correlation coefficient was used to evaluate associations using the whole sample. Finally, stepwise multiple regression was used to predict peripheral chemoreflex responsiveness, using as regressors variables which presented correlations with p values less than 0.1 in the univariate analysis. Statistical significance for the other tests was set at $p < 0.05$.

3. Results

Table 1 presents the clinical characteristics as well as the results of inspiratory muscle strength, peripheral chemoreflex, and exercise responses for patients with and without IMW. The groups were similar in respect to age, gender distribution, height, weight, etiology, use of medications, and left ventricular ejection fraction. As by protocol, patients with IMW had lower PImax. $\dot{V}_{O_2}$ peak and $\dot{V}_E/\dot{V}_{CO_2}$ were not significantly different between the groups. Exercise ventilatory oscillation tended to be greater in patients with IMW than in those with preserved inspiratory muscle strength ($p = 0.1$).

The coefficient of variation for the single-breath CO_2 test in two different days was 13 ± 11%. Peripheral chemoreflex responsiveness was significantly increased in patients with IMW compared those with preserved inspiratory muscle strength (Table 1). As shown in Fig. 1, there was a significant inverse correlation between the peripheral chemoreflex response and PImax expressed in absolute units (panel a) as well as in percentage of predicted (panel b). PImax was also significantly and inversely correlated with exercise ventilatory oscillation (Fig. 1 panels c and d). Peripheral chemoreflex responsiveness was not significantly associated with $\dot{V}_{O_2}$ peak ($r = 0.18$, $p = 0.46$), with $\dot{V}_E/\dot{V}_{CO_2}$ ($r = -0.08$, $p = 0.74$) or with exercise ventilatory oscillation ($r = 0.35$, $p = 0.15$). By stepwise multiple regression analysis, PImax was the only independent predictor of peripheral chemoreflex ($p < 0.05$).

4. Discussion

An augmented peripheral chemoreflex is a common finding in CHF patients and may occur in as many as 40% of patients (Chua et al., 1997). The increased chemoreflex may be linked to abnormal ventilatory responses to exercise such as an increased $\dot{V}_E/\dot{V}_{CO_2}$ and exercise periodic breathing (Tumminello et al., 2007). IMW is also frequently found, occurring in more than 30% of our outpatients in a specialized heart failure clinic (Dall'Ago et al., 2006; Ribeiro et al., 2009), but the clinical characteristics associated with this ventilatory abnormality are not well defined. This small, cross-sectional study demonstrates, for the first time, that inspiratory muscle strength, as determined by PImax, is associated with augmented peripheral chemoreflex responsiveness and exercise ventilatory oscillation in CHF patients.

The augmented peripheral chemoreflex responsiveness in patients with IMW in the present study may not be attributed to disease severity, since both groups showed similar $\dot{V}_{O_2}$ peak and left ventricular ejection fraction. Moreover, in our patients, inspiratory muscle strength was found to be an independent predictor of peripheral chemoreflex responsiveness by multivariate analysis. Indeed, the link between peripheral chemoreflex and $\dot{V}_{O_2}$ peak has not been a consistent finding in previous studies (Ponikowski et al., 2001a). A modest association has been described between periph-

Table 1
Clinical characteristics, inspiratory muscle strength and results of the cardiopulmonary exercise test.

	Inspiratory muscle weakness (n = 9)	Preserved inspiratory muscle strength (n = 10)	p
Age (years)	52 ± 7	57 ± 9	0.21
Gender (male/female)	7/2	9/1	
Weight (kg)	74 ± 17	76 ± 15	0.73
Height (cm)	164 ± 9	165 ± 6	0.85
Etiology (n):			
Ischemic	5	4	
Non-ischemic	4	6	
Medication (n):			
Digoxin	5	5	
ACE-inhibitors	9	10	
Beta-blockers	8	9	
Diuretics	9	10	
Left ventricular ejection fraction (%)	36 ± 9	34 ± 10	0.57
Inspiratory muscle strength			
Pimax (cm H_2O)	65 ± 15	124 ± 23	0.0001
Pimax (% of predicted)	55 ± 12	113 ± 22	0.0001
Peripheral chemoreflex			
Single-breath CO_2 test (l min^{-1} $Torr^{-1}$)	0.11 ± 0.03	0.07 ± 0.03	0.02
Cardiopulmonary exercise test $\dot{V}_{O_2}$ peak (ml kg^{-1} min^{-1})	22 ± 5	20 ± 4	0.42
$\dot{V}_E/\dot{V}_{CO_2}$ slope	35 ± 4	34 ± 6	0.73
Exercise ventilatory oscillations	0.059 ± 0.017	0.047 ± 0.011	0.10

Data are presented as mean ± SD. ACE: angiotensin-converting enzyme; Pimax: maximal inspiratory pressure; $\dot{V}_{O_2}$ peak: peak oxygen uptake; $\dot{V}_E/\dot{V}_{CO_2}$ slope: slope of ventilation vs. carbon dioxide production.

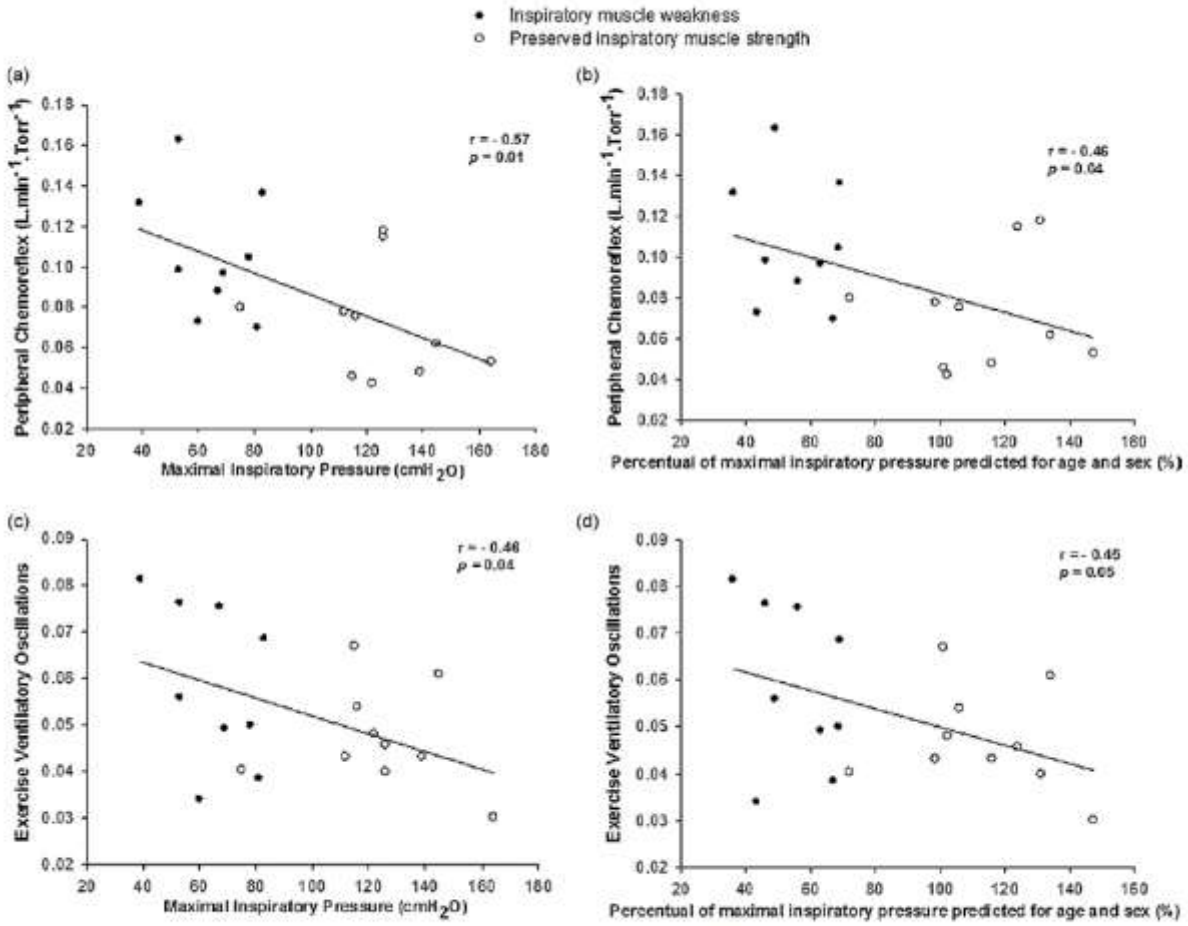

Fig. 1. Scatter plots for the associations between maximal inspiratory pressure (expressed in absolute values and as percentage of predicted), peripheral chemoreflex response, and exercise ventilatory oscillations. Open circles represent patients with preserved inspiratory muscle strength and closed circles represent patients with inspiratory muscle weakness.

eral chemosensitivity assessed by the transient hypoxic method and $\dot{V}_E/\dot{V}_{CO_2}$ slope during exercise (Ponikowski et al., 2001a,b), but not when evaluated by the single-breath CO_2 test (Chua et al., 1996).

Although peripheral chemoreflex may be involved in the pathogenesis of resting periodic breathing (Ponikowski et al., 1999), there are limited data exploring the relationship between peripheral chemoreflex and exercise ventilatory oscillation. In our study, there was no significant correlation between peripheral chemoreflex responsiveness and exercise ventilatory oscillation. An augmented metaboreflex could account for exercise ventilatory oscillation by itself or via increased central chemoreflex sensitivity (Piepoli et al., 1999; Ponikowski et al., 2001c). However, ergoreflex-induced ventilatory responses to exercise are only linked to central chemoreflex, but not to peripheral chemoreflex sensitivity (Ponikowski et al., 2001c). In addition, patients with periodic breathing have shown greater ergoreflex-induced ventilatory response to exercise (Ponikowski et al., 2001c).

The inspiratory metaboreflex engaged during fatiguing inspiratory muscle work is augmented in CHF patients with IMW (Chiappa et al., 2008). Thus, exercise-induced inspiratory muscle fatigue and metabolite accumulation could activate chemically sensitive afferents innervating diaphragm. Since exercise-induced diaphragm fatigue results in sympathoexcitation (St Croix et al., 2000), CHF patients with inspiratory muscle weakness might have augmented peripheral chemoreflex and/or exercise oscillatory ventilation via increased sympathetic activity (Di Vanna et al., 2007; Piepoli et al., 1999). This contention is supported by our recent finding that inspiratory muscle training blunts the inspiratory muscle metaboreflex, as demonstrated by the improvement in limb blood flow under inspiratory loading in resting and in exercising muscles (Chiappa et al., 2008). Moreover, preliminary data from Mello et al. (2008) have also shown that inspiratory muscle training in patients with CHF and IMW reduces central and peripheral sympathetic activity.

The present cross-sectional study has several limitations. First, the sample size is relatively small to detect weaker associations. Second, we only evaluated the peripheral component of the chemoreflex response to CO_2. A more comprehensive evaluation of the chemoreflex, such as that performed by Giannoni et al. (2009), could have resulted in better understanding of its role in ventilatory responses to exercise and this should be done in future studies. Third, we did not select patients with exercise-induced periodic breathing as described in previous studies (Agostoni et al., 2008; Ribeiro, 2006), but we evaluated the oscillations in the ventilatory response to exercise using the method originally developed by Francis et al. (1999). Therefore, our methodology is inappropriate to determine the role of peripheral chemoreflex in exercise-induced periodic breathing.

Our findings have potential clinical implications. Chemoreflex responsiveness, inspiratory muscle strength, and exercise periodic breathing all have prognostic value in CHF (Frankenstein et al., 2008; Giannoni et al., 2009; Ribeiro et al., 2006). We have previously shown that inspiratory muscle training markedly improves inspiratory muscle strength and also reduces exercise-induced ventilatory oscillations in patients with CHF and IMW (Dall'Ago et al., 2006; Winkelmann et al., 2009). The associations found in the present study raise the hypothesis that inspiratory muscle training may also affect chemoreflex responsiveness, with possible impact on survival. Therefore, future studies should be conducted to test this hypothesis.

5. Conclusion

Our findings indicate that IMW is linked to increased peripheral chemoreflex responsiveness and augmented exercise ventilatory oscillation in patients with CHF.

References

Agostoni, P., Apostolo, A., Albert, R.K., 2008. Mechanisms of periodic breathing during exercise in patients with chronic heart failure. Chest 133, 197–203.

Arena, R., Pinkstaff, S., Wheeler, E., Peberdy, M.A., Guazzi, M., Myers, J., 2009. Neuromuscular electrical stimulation and inspiratory muscle training as potential adjunctive rehabilitation options for patients with heart failure. Journal of Cardiopulmonary Rehabilitation and Prevention, December (Epub ahead of print).

American Thoracic Society/European Respiratory Society, 2002. Statement on respiratory muscle testing. American Journal of Respiratory and Critical Care Medicine 166, 518–624.

Chiappa, G.R., Roseguini, B.T., Vieira, P.J., Alves, C.N., Tavares, A., Winkelmann, E.R., Ferlin, E.L., Stein, R., Ribeiro, J.P., 2008. Inspiratory muscle training improves blood flow to resting and exercising limbs in patients with chronic heart failure. Journal of the American College of Cardiology 51, 1663–1671.

Chua, T.P., Clark, A.L., Amadi, A.A., Coats, A.J., 1996. Relation between chemosensitivity and the ventilatory response to exercise in chronic heart failure. Journal of the American College of Cardiology 27, 650–657.

Chua, T.P., Ponikowski, P., Webb-Peploe, K., Harrington, D., Anker, S.D., Piepoli, M., Coats, A.J., 1997. Clinical characteristics of chronic heart failure patients with an augmented peripheral chemoreflex. European Heart Journal 18, 480–486.

Dall'Ago, P., Chiappa, G.R., Guths, H., Stein, R., Ribeiro, J.P., 2006. Inspiratory muscle training in patients with heart failure and inspiratory muscle weakness: a randomized trial. Journal of the American College of Cardiology 47, 757–763.

Di Vanna, A., Braga, A.M., Laterza, M.C., Ueno, L.M., Rondon, M.U., Barretto, A.C., Middlekauff, H.R., Negrão, C.E., 2007. Blunted muscle vasodilatation during chemoreceptor stimulation in patients with heart failure. American Journal of Physiology, Heart and Circulatory Physiology 293, H846–H852.

Francis, D.P., Davis, L.C., Piepoli, M., Rauchhaus, Ponikowiski, P., Coats, A.J.S., 1999. Origin of oscillatory kinetics of respiratory gas exchange in chronic heart failure. Circulation 100, 1065–1070.

Frankenstein, L., Meyer, F.J., Sigg, C., Nelles, M., Schellberg, D., Remppis, A., Katus, H.A., Zugck, C., 2008. Is serial determination of inspiratory muscle strength a useful prognostic marker in chronic heart failure? European Journal of Cardiovascular Prevention and Rehabilitation 15, 156–161.

Giannoni, A., Emdin, M., Bramanti, F., Iudici, G., Francis, D.P., Barsotti, A., Piepoli, M., Passino, C., 2009. Combined increased chemosensitivity to hypoxia and hypercapnea as a prognosticator in heart failure. Journal of the American College of Cardiology 53, 1975–1980.

Martinez, D., 2008. Effects of aging on peripheral chemoreceptor CO_2 response during sleep and wakefulness in healthy men. Respiratory Physiology & Neurobiology 162, 138–143.

McClean, P.A., Phillipson, E.A., Martinez, D., Zamel, N., 1988. Single breath of CO_2 as a clinical test of the peripheral chemoreflex. Journal of Applied Physiology 64, 84–89.

Mello, P., Gerra, G., Dall'Ago, P., Borille, S., Rondom, M.U., Negrao, C.E., Mostarda, C., Irigoyen, M.C., Krieger, E.M., Consolim-Colombo, F., 2008. Inspiratory muscle training decreases central and peripheral sympathetic activity and improves reflex vasodilatory responses in patients with chronic heart failure. Circulation 118, S719 (abstract).

Meyer, T., Georg, T., Becker, C., Kindermann, W., 2001. Reliability of gas exchange measurement from two different spiroergometry systems. International Journal of Sports Medicine 22, 593–597.

Neder, J.A., Andreoni, S., Lerario, M.C., Nery, L.E., 1999. Reference values for lung function tests. II. Maximal respiratory pressures and voluntary ventilation. Brazilian Journal of Medical and Biological Research 32, 719–727.

Piepoli, M.F., Ponikowski, P.P., Volterrani, M., Francis, D., Coats, A.J., 1999. Aetiology and pathophysiological implications of oscillatory ventilation at rest and during exercise in chronic heart failure. Do Cheyne and Stokes have an important message for modern-day patients with heart failure? European Heart Journal 20, 946–953.

Ponikowski, P., Anker, S.D., Chua, T.P., Francis, D., Banasiak, W., Poole-Wilson, P.A., Coats, A.J., Piepoli, M., 1999. Oscillatory breathing patterns during wakefulness in patients with chronic heart failure: clinical implications and role of augmented peripheral chemosensitivity. Circulation 100, 2418–2424.

Ponikowski, P., Chua, T.P., Anker, S.D., Francis, D.P., Doehner, W., Banasiak, W., Poole-Wilson, P.A., Piepoli, M.F., Coats, A.J., 2001a. Peripheral chemoreceptor hypersensitivity: an ominous sign in patients with chronic heart failure. Circulation 104, 544–549.

Ponikowski, P., Francis, D.P., Piepoli, M.F., Davies, L.C., Chua, T.P., Davos, C.H., Florea, V., Banasiak, W., Poole-Wilson, P.A., Coats, A.J., Anker, S.D., 2001b. Enhanced ventilatory response to exercise in patients with chronic heart failure and preserved exercise tolerance marker of abnormal cardiorespiratory reflex control and predictor of poor prognosis. Circulation 103, 967–972.

Ponikowski, P.P., Chua, T.P., Francis, D.P., Capucci, A., Coats, A.J., Piepoli, M.F., 2001c. Muscle ergoreceptor overactivity reflects deterioration in clinical status and cardiorespiratory reflex control in chronic heart failure. Circulation 104, 2324–2330.

Ribeiro, J.P., 2006. Periodic breathing in heart failure. Bridging the gap between the sleep laboratory and the exercise laboratory. Circulation 113, 9–10.

Ribeiro, J.P., Stein, R., Chiappa, G.R., 2006. Beyond peak oxygen uptake. New prognostic markers from gas exchange exercise tests in chronic heart failure. Journal of Cardiopulmonary Rehabilitation 26, 63–71.

Ribeiro, J.P., Chiappa, G.R., Neder, J.A., Frankenstein, L., 2009. Respiratory muscle function and exercise intolerance in heart failure. Current Heart Failure Reports 6, 95–101.

St Croix, C.M., Morgan, B.J., Wetter, T.J., Dempsey, J.A., 2000. Fatiguing inspiratory muscle work causes reflex sympathetic activation in humans. Journal of Physiology 529, 493–504.

Stein, R., Chiappa, G.R., Gürths, H., Dall'Ago, P., Ribeiro, J.P., 2009. Inspiratory muscle training improves oxygen uptake efficiency slope in patients with chronic heart failure. Journal of Cardiopulmonary Rehabilitation and Prevention 29, 392–395.

Tumminello, G., Guazzi, M., Lancellotti, P., Piérard, L.A., 2007. Exercise ventilation inefficiency in heart failure: pathophysiological and clinical significance. European Heart Journal 28, 673–678.

Winkelmann, E.R., Chiappa, G.R., Lima, C.O.C., Viecili, P.R.N., Stein, R., Ribeiro, J.P., 2009. Addition of inspiratory muscle training to aerobic training improves cardiorespiratory responses to exercise in patients with heart failure and inspiratory muscle weakness. American Heart Journal 158, 768e1–768e7.

CONCLUSÕES

1. A vasoconstrição periférica induzida pelo trabalho muscular inspiratório fatigante encontra-se atenuada em indivíduos treinados aerobicamente, sugerindo que o exercício aeróbico regular atenua o metaborreflexo inspiratório.

2. A fraqueza muscular inspiratória está associada com aumento da resposta do quimiorreflexo periférico em pacientes com insuficiência cardíaca crônica.

ANEXOS

Formação complementar durante o doutorado

Artigos publicados

Artigos em preparo

Seminários

Revisão de artigos

Vivência em projetos de pesquisa

Reabilitação

Cursos

Habilidades técnicas

Publicações em anais de eventos

Artigos publicados

1. Callegaro CC, Martinez D, Ribeiro P, Brod M, Ribeiro JP. Augmented peripheral chemoreflex in patients with heart failure and inspiratory muscle weakness. *Respiratory Physiology & Neurobiology*. 2010, 171: 31-35.

Artigos em preparo

1. Callegaro CC, Ribeiro JP, Tan CO, Taylor JA. Attenuated respiratory muscle metaboreflex in endurance-trained individuals. *J Appl Physiol*.
2. Callegaro CC & Taylor JA. Age-related effects of vagotonic atropine on cardiovagal baroreflex gain. *Neurobiology of aging.*

Seminários

1. Journal Club no Cardiovascular Research Laboratory, Spaulding Rehabilitation Hospital, associado à Harvard Medical School. Seminário sobre fisiologia e reabilitação cardiovascular coordenado semanalmente pelo Prof. Dr. J Andrew Taylor.
2. Journal Club no Beth Israel Deaconess Division of Pulmonary and Critical Care Medicine associado à Harvard Medical School. Seminário sobre fisiologia respiratória como enfoque no estudo dos efeitos autonômicos e cardiovasculares da hipóxia coordenado semanalmente pelos professores Prof. Dr. J Andrew Taylor and Prof. Dr. Wood Weiss.

3. Seminário do Department of Physical Medicine and Rehabilitation do Spaulding Rehabilitation Hospital, realizado mensalmente com enfoque em reabilitação.

Revisão de artigos

Revisão de artigos para *Circulation, Circulation Research, Hypertension, Journal Physiology e Journal Applied Physiology* sob supervisão do Prof. Dr. J Andrew Taylor.

Vivência em projetos de pesquisa

1. Vagotonic effects of atropine on baroreflex sensitivity in young and older subjects.

2. Vagolitic effects of atropine on baroreflex sensitivity in young subjects.

3. Aerobic exercise training for older healthy subjects.

4. Musculoskeletal and cardiorespiratory effects of hybrid-FES row training in spinal cord injury.

5. Physiological investigation of yogic-derived slow breathing.

6. Associação entre o polimorfismo dos receptores beta1-adrenérgicos e a resposta cardiorrespiratória ao exercício em pacientes com insuficiência cardíaca congestiva.

Reabilitação

1. Integrante do programa de exercícios para pessoas com limitações (ExPD). Programa de treinamento de remo associado com estimulação elétrica funcional em pacientes com lesão medular completa ou incompleta.

2. Participante do programa de treinamento de remo na água associado à estimulação elétrica funcional para pacientes com lesão medular completa.

3. Demonstração prática do programa de remo associado à estimulação elétrica funcional no solo para a Comunidade de Remo de Boston (Rowing Community).

Cursos

1. Statistics for clinical studies realizado na Harvard Medical School.
2. Academic presentation and pronunciation realizado na Park Street Church.
3. Cientific Writing realizado na Park Street Church.

Habilidades técnicas

Estimativa do débito cardíaco por reinalação de CO_2; avaliação da sensibilidade quimiorreflexa; avaliação da função endotelial; determinação do fluxo sanguíneo poplíteo e cerebral por *Doppler*;

avaliação e análise da sensibilidade barorreflexa: técnica de Oxford modificada, neck chamber e manobra de Valsalva.

Publicações em anais de eventos

1. Ribeiro JP, Callegaro CC, Schneider FL, Simões EN, Silveira JV, Marini L, Martinez D. Exaggerated peripheral chemoreflex response in heart failure with inspiratory muscle weakness. In: EuroPRevent 2008 Congress, 2008, Paris. **European Journal of Cardiovascular Prevention & Rehabilitation**, 2008. v.15 Suppl. p.S113.

2. Ribeiro JP, Umpierre D, Correa APS, Callegaro CC, Machado MS, Stein R. A Single Submaximal exercise session increases postexercise blood flow in non-worked limb: a possible mechanism for systemic endothelial adaptation In: European Congress of Cardiology, 2007, Vienna. **European Heart Journal**. , 2007. v.S28. p.522.

3. Schneider FL, Martinez D, Silveira JV, Simões Pires EN, Ribeiro JP, Callegaro CC. Reprodutibilidade do teste de inalação única na determinação da atividade quimiorreflexa periférica em pacientes com insuficiência cardíaca. In: Salão de Iniciação Cieífica, Porto Alegre, 2007. **Salão de Iniciação Científica**, 2007. p. 521.

4. Umpierre D, Stein R, Callegaro CC, Machado MS, Correa APS, Ribeiro JP. Uma única sessão de exercício submáximo aumenta o fluxo sangüíneo em membro não-exercitado: um possível mecanismo para a adaptação endotelial sistêmica In: Congresso Brasileiro de

Cardiologia, 2007, São Paulo. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, 2007. v.89. p.153.

5. Correa APC, Callegaro CC, Dreher DZ, Cruz IBM, Stobbe JC, Ferlin EL, Moraes RS, Ribeiro JP. Comportamento hemodinâmico durante o teste ergométrico e período de recuperação de atletas jogadores de futebol de campo em período de competição In: 25ª Semana Científica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, 2005, Porto Alegre. **Revista HCPA**, 2005. v.25. p.1-251.

6. Callegaro CC, Moraes RS, Negrão CE, Barreto ACP, Ferlin EL, Krieger EM, Rondon MUPB, Trombetta IC, Ribeiro JP. Ingestão aguda de água eleva pressão arterial de pacientes hipertensos por aumento da atividade simpática In: 60º Congresso da Sociedade Brasileira de Cardiologia, 2005, Porto Alegre. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, 2005. v.85. p.147.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo